

OTAVIO PEREIRA LIMA

Higiene e vestuário no início do século XX: algumas idéias de
Afrânio Peixoto

História da Ciência

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como exigência
parcial para obtenção do título de
MESTRE em História da Ciência, sob a
orientação da Professora Doutora Maria
Helena Roxo Beltran

SÃO PAULO - 2006

Agradeço aos meus pais, amigos e professores do Curso de Mestrado em História da Ciência, em especial à Professora Doutora Maria Helena Roxo Beltran, orientadora deste trabalho.

Resumo

O presente estudo focaliza o pensamento de Afrânio Peixoto (1876 - 1947) com enfoque em sua obra *Elementos de hijiene*, publicada em 1913 e reeditada em 1914 com o nome de *Noções de hygiene*, voltada ao ensino nas escolas primárias.

Essa obra visava contribuir para a melhoria da qualidade de vida do brasileiro. Afrânio Peixoto participava do movimento sanitaria, o qual procurava apresentar meios para curar um país que seria até então visto como um grande hospital. Os estudos dos sanitaria abordavam questões como eugenia, epidemiologia, arquitetura e limpeza urbana entre outras.

Neste trabalho são focalizadas as polêmicas relações entre moda e Higiene, comentadas na referida obra do ilustre médico, literato e político brasileiro do início do século XX.

Para tanto, as fontes primárias selecionadas incluem, além da obra *Elementos de hijiene*, imagens, artigos e anúncios publicados na Revista *Fon Fon!* entre os anos de 1912 e 1913, a qual, naquela época, ditava e difundia os preceitos da moda e do comportamento da elite brasileira.

Abstract

The present study focuses the thought of Afrânio Peixoto (1876 - 1947) with approach in its workmanship *Elementos de hijiene*, published in 1913 and reedited in 1914 under the name of *Noções de hijiene*, directed to education in the schools.

This work aimed at to contribute for the improvement of the quality of life of the Brazilian people. Afrânio Peixoto participated of the sanitariat movement, which looked for to present ways to cure a country that until then would be seen as a great hospital. The studies of the sanitariats approached questions as, epidemics, architecture and urban cleanness among others.

This work are focused on the controversies relations between fashion and Hygiene, commented in the related workmanship of the illustrious doctor, writer and Brazilian politician of the beginning of century XX.

For in such a way, the selected primary sources include, beyond the workmanship Elements of hijiene, images, articles and announcements published at *Fon Fon!* Magazine between the years of 1912 and 1913, which, at that time, dictated and spread out the rules of the fashion and the behavior of the Brazilian elite.

SUMÁRIO

Introdução	p. 07
O discurso de moda direcionado às elites	p. 09
Afrânio Peixoto e a formação de suas idéias	p. 27
As imagens de moda e a Higiene de Afrânio Peixoto	p. 51
Conclusão	p. 102
Bibliografia	p. 102
Anexos	p. 112

Introdução

O presente estudo focaliza o pensamento de Afrânio Peixoto (1876 - 1947) com enfoque em sua obra *Elementos de hijiene*, publicada em 1913 e reeditada em 1914 com o nome de *Noções de hygiene*, voltada ao ensino nas escolas primárias¹.

Essa obra visava contribuir para a melhoria da qualidade de vida do brasileiro. Afrânio Peixoto participava do movimento sanitарista, o qual procurava apresentar meios para curar um país que seria até então visto como um grande hospital. Os estudos dos sanitарistas abordavam questões como eugenia, epidemiologia, arquitetura e limpeza urbana entre outras.

Neste trabalho são focalizadas as polêmicas relações entre moda e Higiene, comentadas na referida obra do ilustre médico, literato e político brasileiro do início do século XX.

Para tanto, as fontes primárias selecionadas incluem, além da obra *Elementos de hijiene*, imagens, artigos e anúncios publicados na Revista *Fon Fon!* entre os anos de 1912 e 1913 a qual, naquela época, ditava e difundia os preceitos da moda e do comportamento da elite brasileira.

Por tratar-se de um manual, a obra de Afrânio Peixoto atingiria somente a elite brasileira, parcela da população com alto índice de alfabetização. Logo, já no primeiro capítulo abordamos o discurso direcionado às elites em relação à moda.

¹ A obra *Elementos de hijiene* seria reeditada outras vezes, entretanto, para estudo desta dissertação, optou-se pelas duas edições iniciais, sendo que a obra *Noções de Hygiene* receberia a inserção de um texto organizador para a leitura e de imagens ilustrativas sobre os problemas gerados em relação ao mau uso das roupas.

No segundo capítulo, analisa-se a trajetória de Afrânio Peixoto em sua carreira enquanto higienista, sua posição ante a medicina da época, suas viagens e estudos e o estabelecimento das relações do movimento sanitarista com o Estado, para situar as críticas e idéias desenvolvidas por Afrânio Peixoto em relação à moda.

Por fim, no terceiro capítulo, analisam-se imagens, artigos e anúncios publicados nas revistas *Fon Fon!* entre 1912 e 1913, relacionando-os com as idéias expostas por Afrânio Peixoto na edição de *Elementos de higiene* de 1913.

Com isso, a pesquisa visará ao entendimento do desenvolvimento das idéias de Afrânio Peixoto, suas interfaces contextuais com a sociedade brasileira daquela época e os costumes que viriam da Europa. Faz-se necessário aludir desde o início à ruptura entre o que é vestuário e o que é moda, e isto será traçado por Afrânio Peixoto, através de suas críticas e afirmações, além de descrever as relações entre a moda e o contexto social da época.

Esperamos que o presente estudo possa contribuir para aprofundar a análise de algumas relações entre propostas dos sanitaristas brasileiros do início do século XX e as origens de certos costumes e hábitos da sociedade brasileira.

O discurso de moda direcionado às elites

“Atrizes em voga e dandies do momento não lançam moda senão por vantagens pessoais, que o pecus adota e exajera, às vezes com interesses opostos. Os da higiene não são ouvidos, senão da lastima tardia.”²

Este trecho da obra *Elementos de Higiene* de Afrânio Peixoto retrata sua visão sobre a relevância da Higiene no vestuário utilizado no início do século XX no Brasil. Para este médico, literato e político, o vestuário deveria ater-se a certas necessidades exigidas pelo corpo em relação ao clima, ao conforto e à praticidade relacionados à liberdade dos movimentos. A moda deveria ser fator secundário e fonte de críticas negativas devido aos maus costumes que difundia. A real importância da vestimenta repousaria no seu papel de proteger o corpo humano de tal modo que os tecidos deveriam ser adaptados ao vestuário conforme necessidade de resfriamento ou aquecimento para cada parte do corpo.

A partir dessas idéias, o autor constataria que a moda³ poderia beirar o ridículo ou o absurdo, pois seria imposta por hábitos ou excentricidades e não por necessidades, sendo que tais “necessidades relativas à Higiene nunca serão

² A. Peixoto, *Noções de hygiene*, p. 353.

³ Vale citar que o nosso texto tratará os termos moda e vestuário como duas definições diferentes, sendo que o ponto de intersecção comum será o fato de cobrir o corpo. De um lado, o termo vestuário será tratado enquanto fonte de proteção para o corpo, enquanto o termo moda, abrangerá, além das roupas, os costumes e suas interrelações sociais.

ouvidas, a não ser tardiamente⁴”. Para ele, a moda e a Higiene “são expressões quase antinômicas⁵”.

Portanto, o que seria algo fútil e volátil, é reconhecido pelo autor como assunto a ser levado em conta. Além disso, conforme Afrânio Peixoto cita, os costumes da sociedade relembrariam algumas figuras históricas e criariam pontos de reflexão:

“Nenhum fenômeno de psicologia coletiva deixa observar tão bem a influência do menear a cabeça, sobre a tropa conduzida. Um conde de Anjou sofria de joanetes formidáveis, visíveis sob o sapato de pano: encobriu os pés com polainas, para as quais se achou mais tarde a justificativa da proteção contra o frio⁶”.

Por meio de tais reflexões, Afrânio Peixoto demonstraria a frivolidade e o distanciamento dos usuários da moda em relação ao entendimento do porquê se usaria uma peça ou acessório em detrimento de outro.

Membro atuante da elite brasileira, Afrânio Peixoto parece refletir, nos textos que analisaremos neste trabalho, um conhecimento aprofundado sobre as questões voltadas ao estudo da Higiene e da moda daquela época, num movimento direcionado por várias vertentes da medicina às quais faz referências. Como será detalhado no capítulo II, Afrânio Peixoto seria um dos personagens de

⁴ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, p. 352.

⁵ *Ibid.*, p. 352.

⁶ *Ibid.*, p. 352.

múltiplas entradas no campo intelectual brasileiro, atuando nas funções de médico, literato, pedagogo e administrador público nas áreas de medicina e educação, além de seguir a tradição das elites da época e atuar na carreira de parlamentar⁷.

Afrânio Peixoto, assim como os demais participantes do movimento sanitaria no Brasil, realizou estudos para a melhoria das condições de vida da sociedade, buscando entender as causas de certas doenças e epidemias presentes no país. Já em 1907, ao considerar sobre o clima brasileiro, Afrânio Peixoto descreveria o país como um vasto território, onde se encontrariam quase todas as temperaturas:

“Toda esta vasta região que se estende do interior da Bahia a Goyaz, a Minas, a São Paulo, compreende grande parte do Brasil, dispõe, portanto, de clima dos mais bellos e propícios á vida do homem⁸.”

No caso citado acima, Afrânio se remete às mazelas que poderiam surgir em solo brasileiro e doenças relacionadas ao clima brasileiro, visto que este seria diferente do europeu. Com isso, mostrava-se preocupado também com a questão das migrações ocorridas no Brasil daquela época de modo que prosseguiria afirmando ainda que, com exceção de pequena parte do nordeste (devido às suas

⁷ M. M. Maio, Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica, *Revista da SBPC*, 11, p. 75.

⁸ A. Peixoto, *Clima e doenças do Brasil, notas escriptas para o Brazilian year book de 1908*, p. 15.

secas), o país seria um campo fértil para o “desenvolvimento e prosperidade das migrações humanas de todos os cantos do mundo⁹”.

Ao exaltar a importância da Higiene no que diz respeito à educação do povo brasileiro e dirigir conselhos para o Estado em relação ao caráter exploratório desta vertente da medicina, Afrânio Peixoto confirmaria sua posição de que as doenças presentes no território brasileiro não seriam diferentes daquelas existentes na Europa, ratificando tal afirmação ao citar o professor Kraepelin: “Nenhuma doença mental ou nervosa foi no Brasil encontrada, (...), que já não se conhecesse, de casa, na Europa¹⁰”.

Ao se referir à Europa, Afrânio conseguiria atingir a elite do país. Desse modo, observando que o Brasil seria um território habitável, abria-se a possibilidade de se comunicar com aquela parcela da sociedade que teria por costume enviar seus filhos para a Europa, onde, principalmente as meninas seriam educadas em conventos franceses¹¹.

No capítulo ‘O valor da saúde’ de *Elementos de higiene*, Afrânio Peixoto afirmaria, em 1913, que:

“A higiene não é precisamente uma ciência, porque é uma aplicação prática de quase todas. É um conjunto de preceitos, buscados em todos os conhecimentos

⁹ *Ibid.*, p. 17.

¹⁰ *Ibid.*, p. 32.

¹¹ J. Needell, *Belle Époque Tropical tropical – Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, p. 74.

humanos, mesmo fora e além da medicina, e tendentes a cuidar da saúde e poupar a vida¹²”.

Com isso, a Higiene trataria de organizar a vida e os costumes da família brasileira, através de publicações direcionadas à elite, a fim de introduzir em sua rotina hábitos não convencionais para a época. Tais preceitos eram trazidos freqüentemente da Europa, especialmente de países como a França e Inglaterra que apresentavam baixas taxas de mortalidade.

Vale observar que, na época, os manuais médicos da família estariam presentes em quase todas as casas da elite (que seria um dos únicos grupos alfabetizados), sendo usual que as famílias a eles recorressem na busca para o tratamento das mais diversas mazelas¹³.

Paralelamente, seriam publicados manuais de etiqueta e comportamento social¹⁴, caracterizados pela reprodução de regras, dentre outras, de atitudes e de utilização de roupas já adotados em outros países, que seriam tratados como um *corpus* normativo, visando ao reflexo do que seria desejável ou esperado em termos de correção para a ‘boa sociedade’¹⁵. Seriam obras voltadas a preparar a elite para a vida comunitária, procurando condicionar seus comportamentos às maneiras tidas como corretas:

¹² A. Peixoto, *Elementos de Higiene*, p. 564.

¹³ J. F. Costa, *Ordem médica e norma familiar*, pp 20-31.

¹⁴ Um nome a se citar na época para elucidar tal informação é o de Fellipe Néry Collaço, que em sua ‘Enciclopédia de conhecimentos indispensáveis na vida prática’ mostrava em que ponto esta intervenção estava se embrenhando. Nela, o autor pretendia ensinar qual a maneira higiênica de organizar: a habitação; os vestidos e a roupa da casa (como lavar, engomar, tirar nódoas, marcar roupas, arrumá-las no armário, escolher linhas e máquinas de costura, etc...); a higiene em geral; a educação das crianças; os usos e deveres de sociedade. F. N. Collaço *apud* J. F. Costa, *op. cit.*, p.114.

¹⁵ M. C. T. Rainho, *A cidade e a moda*, p. 69.

“Ensinavam, entre outras coisas, as formas de comer e os hábitos à mesa, a higiene corporal - incluindo os modos de assoar o nariz, cuspir, etc. - os comportamentos em casa, na igreja, na rua e os cuidados com as vestimentas¹⁶.”

Além desses manuais, haveria os periódicos: jornais e revistas que circulariam pelas casas, tais como a revista *Fon Fon!*, e que constituiriam um *corpus* dinâmico, voltando-se não apenas para a propaganda ou difusão de certos produtos, mas para explicar e inserir novos conceitos na mentalidade da elite brasileira. Tais periódicos promoveriam, assim, o abandono de certos costumes rústicos que denotariam o atraso da sociedade brasileira em relação ao resto do mundo¹⁷.

Sempre visando a melhoria da qualidade da saúde brasileira, os estudos de Afrânio Peixoto, compreenderiam até mesmo o levantamento de um vocabulário médico popular brasileiro. Tal levantamento teria por objetivo a compreensão dos argumentos críveis e corriqueiros entre a população, que seriam levados em conta para buscar a cura das mais diversas enfermidades¹⁸, visto que o recurso a

¹⁶ *Ibid.*, p. 97.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, p. 118, a planificação higiênica proposta pelo movimento e os manuais, somente viria a ratificar as diferenças sociais.

¹⁸ L. Ribeiro, *Afrânio Peixoto*, p. 182. Segundo Leonídio Ribeiro, Afrânio Peixoto pretendia publicar suas memórias, concedendo-lhe licença para publicar trechos de seus textos. Logo, esta biografia lançada em homenagem ao autor mostra-se como fonte de estudos de eminente importância, visto que há vários trechos de estudos inéditos e cartas pessoais.

curandeiros e simpatias para a cura das enfermidades seria de uso comum, principalmente devido à falta de médicos no país¹⁹.

Haveria naquela época, portanto, uma crescente preocupação com relação à melhoria das condições de vida e de produção da população. Além disso, o governo estaria ligado aos cuidados no que dizia respeito ao povo. Conforme será apresentado mais adiante, alguns intelectuais da época ligariam a questão da raça ao fator de saúde da população, mas outros, assim como Afrânio Peixoto lutariam pela vertente de que bastaria educar o povo para que as várias mazelas fossem extintas do país.

Para Afrânio Peixoto, um dos fatores relevantes a ser observado seria o vestuário, levando em conta especialmente as 'necessidades naturais'²⁰ que o corpo teria em relação, por exemplo, ao clima ao seu redor. Assim, no calor, a roupa não deveria impedir a eliminação do suor, nem absorver odores e nem desbotar tinta. A forma das roupas em busca da beleza seria de última importância. De fato, Afrânio Peixoto não se refere a esse aspecto em nenhum trecho das obras por nós analisadas.

Para Afrânio Peixoto, a real importância da vestimenta seria a proteção para o homem. Para tanto, o que contava numa vestimenta era a conformidade com a temperatura. Os tecidos deveriam ser adaptados ao vestuário conforme necessidade de resfriamento ou aquecimento para cada parte do corpo. Nesse sentido, a relação das cores com o vestuário deveria ser enfatizada, lembrando

¹⁹ Cf. L.O. Ferreira, Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43), *Manguinhos*, 2, pp. 332-3.

²⁰ A. Peixoto, *Noções de Higiene*, p. 251.

que o branco seria a cor que mais irradiaria calor e o preto, a que mais a absorveria. Além disso, até a cabeça necessitaria de proteção (chapéu). Entretanto, os chapéus altos não seriam recomendáveis, pois a temperatura que o ar interno alcançaria, de 40° a 46°, poderia afetar a saúde do cérebro²¹. Como já visto, em suas considerações sobre o vestuário, Afrânio Peixoto afirmava que a moda poderia beirar o ridículo e o absurdo, pois seria imposta por hábitos ou excentricidades e não por necessidades, sendo que estas necessidades relativas à Higiene nunca eram ouvidas, a não ser tardiamente.

Em 1917, Afrânio Peixoto daria continuidade a tal discurso e afirmaria, em seu curso de Higiene, que o vestuário apresentaria alguns problemas:

“É outro que reclamo, em que o clima deveria ser atendido, se não fôsse a tirania da imitação e da moda. (...) Não importa: vestir-nos-emos à européia com veludos no verão, com roupas sumárias no inverno²².”

A questão da adaptação ao clima seria o fio condutor de seu discurso, visto que seria hábito da sociedade procurar a paridade climática com a Europa. Para Afrânio e outros sanitaristas da época, a questão seria mais problemática para a moda feminina, pois, além do uso inadequado de tecidos e sua respirabilidade, as vestimentas tolheriam seus movimentos. Por outro lado, no que dizia respeito aos

²¹ *Idem, Elementos de Higiene*, p. 345.

²² A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 76.

homens, a temática estaria ligada mais ao uso de tecidos adequados ao clima da região²³.

Ressalta-se o discurso relacionado ao uso inadequado de roupas para as suas eventuais necessidades e ainda que as mulheres, por não trabalharem em atividades externas, estariam ‘mais erradas’ na escolha destas vestimentas. Mas, devido ao fato de ficarem ‘trancadas’ em casa (o trabalho somente seria realizado somente pelos homens), o vestuário seguiria uma prática sugerida pela Higiene, visto que, para as mulheres, a roupa manter-se-ia mais limpa²⁴.

Pode-se perceber que, a moda atuaria desde então de forma a caracterizar os vestuários masculino e feminino, sendo que a demarcação da cintura feminina visaria o interesse particular em permitir a movimentação e reconstituição do quadril feminino, desenvolvendo estruturas particulares e com isso gerando oscilações de formas na plástica corpórea da mulher²⁵.

Para Afrânio Peixoto, os trajes masculinos aproximar-se-iam mais do ideal de vestimenta, enquanto as roupas femininas estariam cada vez mais distantes da realidade anatômica humana²⁶, em busca de destaque a certas regiões do corpo,

²³ Pode-se, como exemplo, citar Gustavo Gomes Jardim que compartilha as visões de Afrânio Peixoto e analisa em sua obra a matéria das vestimentas: linho, algodão, palha, pêlos, peles, sedas, penas e as propriedades inerentes a cada uma delas, caloridade, eletricidade, textura, cor, etc.: “(...) bem difícil é hoje talvez mesmo baldado trabalho, censurar ou aconselhar esta ou aquela vestimenta, **quando os homens se lançam nos perniciosos braços da moda**, levado pelo desejo de agradar, ou pelo ridículo espírito de imitação. Se eles, tendo em vista só as suas necessidades e o seu bem-estar, atendessem ao fim para que nos vestimos, não usariam indistintivamente desta ou daquela forma de vestido; mas elas variariam conforme o clima e estações, segundo o sexo, a idade, o temperamento e profissão de cada um”. G. G. Jardim *apud* J. F. Costa, *op. cit.*, p. 128. (grifos nossos).

²⁴ Vide G. Vigarello, *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*.

²⁵ K. Castilho, “Configurações de uma plástica do corpo à moda”, p. 16.

²⁶ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, capítulo V.

efetuando sobre o corpo da mulher maiores mudanças e causando-lhes danos à saúde²⁷.

E prosseguiria Afrânio Peixoto a demonstrar a problemática que envolveria tais conceitos, ao citar exemplos da tal discrepância existente na sociedade brasileira e a buscar resposta para tais comportamentos:

“Além da imitação, os maus hábitos. D. Pedro II que nos foi exemplo, por quarenta anos, habituou o brasileiro a uma indumentária ridícula. Andava êle de casaco, com o chapéu de chuva dependurado no braço (...) Nós, no hemisfério sul, antípodas, copiamos figurinos do norte, sem tento, e, às vêzes, sem graça: não sabemos traduzir²⁸.”

Em texto publicado há mais de meio século, Gilberto Freyre já chamava a atenção para o fato da moda ser um assunto “antropológica, psicológica, sociológica, estética e eticamente complexo”²⁹ e, ao comentar sobre o comportamento das mulheres pertencentes à elite da época, diria que “Maria Graham quase não conheceu no teatro as senhoras que reinam de manhã dentro de casa³⁰.”

²⁷ K. Castilho, “Configurações de uma plástica do corpo à moda”, p. 79.

²⁸ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *Afrânio Peixoto*, pp. 76-7.

²⁹ G. Freyre, *Modos de homem e modas de mulher*, pp. 100-53.

³⁰ *Idem*, *Sobrados e mucambos*, p. 163. Maria Graham foi uma inglesa colunista social que visitaria o Brasil no final do século XIX para fazer reportagem sobre o progresso da sociedade carioca.

Tal discrepância no vestuário feminino pode ser compreendida levando em conta que as mulheres da época seriam tratadas como símbolos de ostentação para os homens ricos, vestindo-se de modo admirável apenas em público, exagerando nas misturas de peças e no uso de tecidos, demonstrando o desperdício conspícuo, obviamente desnecessário na construção do vestuário³¹.

A moda daquela época, enquanto movimento cultural, exibiria uma mulher de proporções generosas, alta e segura. Como boa parte da população feminina não teria estas proporções, o uso de espartilhos rígidos e acolchoados para ressaltar a silhueta elegante e encher o peito, além das mangas bufantes para aumentar os ombros, golas altas para elevar e apoiar o pescoço, saias pesadas com caudas e botas com saltos altos, conferiria à mulher da década de 1910 o aspecto altivo e alongado. Também eram utilizadas proteções de arame e crina de cavalo com um imenso chapéu, unidas a uma beleza madura³².

Fonte de diferenciação social, a moda difundida pela elite teria características bem definidas, ligadas ao comportamento de consumo do luxo, principalmente pelo uso de produtos importados da França. Através do vestuário das mulheres, o poder financeiro do marido ou do pai (quando solteiras) era exibido. A moda ditaria também que seriam necessárias diferentes roupas para cada ocasião, tais como: roupas para caminhar, para o chá da tarde, para festas a rigor e outros eventos sociais³³. Assim, as mulheres da *Belle Époque* poderiam ser

³¹ A. Lurie, *A linguagem das roupas*, p. 147.

³² *Ibid.*, pp. 85-6.

³³ Fonte de diferenciação na sociedade, o costume de apresentar vários trajes, cada um indicado para um evento, é instaurado na época conhecida por era Eduardiana e ratificado na era da *Belle Époque*, cf., J. Laver, *A roupa e a moda*, pp. 212-3.

vistas em festas e eventos sociais como ‘adornos financeiros’ de suas famílias³⁴.

A *Belle Époque* foi também um momento de grande difusão de jornais para mulheres (contudo, escritos por homens) e manuais de etiqueta e civilidade. Essas publicações propunham-se a ensinar às mulheres como se comportar socialmente, como promover a higiene do corpo e da casa e como escolher as vestimentas mais adequadas para a ocasião, a hora do dia e a idade. Isso refletia a necessidade de buscar a civilização dos costumes, que era capaz de levar à superação da rusticidade dos hábitos coloniais.

Tal situação possibilitaria então, que as brasileiras tivessem dentre as várias referências comportamentais, resultadas da miscigenação cultural que ocorria, os modelos do vestuário europeu como símbolo de prestígio, de elegância e de poder. Naquela época, conforme dito acima, os trajes que estariam em moda na França seriam utilizados pelas brasileiras com certo atraso, devido à demora da recepção dos produtos, porém, sem nenhuma adequação ao clima ou modificação em suas formas pois, se eram importados, esses trajes eram importantes e elegantes³⁵.

Essa postura ante a sociedade para apresentação das riquezas através da figura feminina, já viria da época eduardiana, quando o homem ficaria ‘liberto’ de exibir sua riqueza através de suas roupas e adornos, apenas sendo imposta a utilização de diferentes vestes para cada ocasião ou hora do dia³⁶. Portanto, a

³⁴ A. Lurie, *op. cit.*, p. 135.

³⁵ K. Castilho, “Do corpo presente à ausência do corpo: moda e marketing”, p. 13.

³⁶ Com a finalidade de entender a proposta de uso do vestuário da época, no terceiro capítulo será realizado o levantamento de costumes abordados pela sociedade brasileira através de edições da revista *Fon Fon!*, periódico ilustrado com foco nos costumes e notícias do dia a dia, fundado em 1907.

mulher, além de exibir seus dotes e um elevado grau de educação, receberia a função conotativa de expor as posses de seu marido ou pai por meio das roupas mais luxuosas.

Registros de ocasiões, como a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro³⁷ em 14 de julho de 1909 e as viagens das cariocas ao exterior para países como França ou Suíça, em fotografias e artigos em periódicos da época, são fontes que revelam costumes de moda³⁸, pois, apesar de ser uma cidade considerada desenvolvida no país e almejar o título de metrópole, o Rio de Janeiro tinha poucas opções para passeio. Além desses eventos, um outro costume era caminhar pela Rua do Ouvidor durante a tarde, em horários pré-estabelecidos, durante os quais, as mulheres, não poderiam olhar para os lados e nem se dirigirem a homem algum, mesmo sendo conhecido.

Com isso, seria possível afirmar que as pessoas da elite pouco saíam de casa e, segundo os jornalistas da época, as famílias das camadas mais abastadas prefeririam promover encontros em suas casas regularmente³⁹, com amigos e parentes, para, mais uma vez, protegerem-se de possíveis intersecções com membros das camadas que pretendiam ‘copiar’ a elite⁴⁰.

³⁷ A. de Assis Ferreira, *A nova imagem nacional e a inauguração do teatro nacional do Rio de Janeiro*, <http://www.revistaetcetera.com.br/16/municipal/index.html>, p. 3.

³⁸ Como fonte de estudos imagéticos para esta dissertação de mestrado, optou-se pela coleta de fotografias na revista *Fon Fon!*

³⁹ Essas reuniões seguiriam um padrão comum: os anfitriões preparavam um jantar para um grupo selecionado e, após a refeição, ocorreriam alguns passatempos refinados: música de câmara, seleções operísticas ou declamações de poesias.

⁴⁰ Ainda sobre a quantidade de teatros existentes até poucos anos antes (1904), diriam os jornais que: “(...) a nossa cidade não se pode gabar de que possua teatros em abundância, pois os poucos que existem são muitos os que estão constantemente fechados. Um estudo sobre esse ponto da nossa vida social só serviria para nos acabrunhar, e dar uma má prova do nosso adiantamento. Somos um povo que quase não tem teatros”. In Ribaltas e bastidores, *Rua do Ouvidor*, 09/04/1904, p. 7, *apud* J. Needell, *op. cit.*, p. 86.

Logo, durante os poucos eventos culturais que ocorreriam na metrópole, as brasileiras ostentariam vestidos importados (e os homens sobrecasacas ou trajes formais de noite) e, durante o dia, ao passearem pela Rua do Ouvidor, ratificariam, conforme descrito pelo texto, sua principal função: a de conotar as posses financeiras de seus pais ou maridos. Sobre este aspecto, vale ressaltar o romance de Afrânio Peixoto, *Esfinge*, no qual o autor enfatiza que as conversas durante o baile versavam predominantemente sobre as novidades parisienses⁴¹.

Esta forte predominância da cultura francesa frente à brasileira poderia ser explicada pela qualidade que denotaria o país, ranço trazido pelos portugueses, que consideravam a elegância cortesã da França como um padrão a ser seguido. Contudo, o consumo de produtos importados poderia ser explicado por meio da classe social que comprava produtos manufaturados de luxo, dentre eles as roupas⁴².

Seria com termos franceses que os jornais e revistas da época mais trabalhariam para atrair a atenção deste público consumidor, destacando-se o emprego do termo 'higiênico' para ratificar o uso correto de tais aparatos, tais como o espartilho, conforme apresenta a figura 01.

⁴¹ A. Peixoto, *Esfinge*.

⁴² J. Needell, *op. cit.*, p. 175.



Figura 1: Imagem publicada na revista Fon Fon! 20/01/1912 Ano V nr 3 p. 08. Nota-se a utilização do nome M. me Berthe para a identificação de qualidade e confirmação da procedência desta veste íntima: o espartilho.

A silhueta em cisne imposta pela sociedade francesa na virada do século XIX e ratificada pelos fabricantes de espartilho seria atacada por vários médicos, tanto em território nacional quanto na Europa. Para resolver tal impasse, os responsáveis pelo desenvolvimento do espartilho buscavam argumentos para valorizar seu produto, afirmando até mesmo que seu modelo seria fabricado segundo métodos científicos.

Sobre o mau uso dos espartilhos, Afrânio Peixoto insere algumas ilustrações aludindo ao perigo do uso de espartilhos e afirma que:

“Nas mulheres, de certa classe social, sobre a camisa e baixo do corpinho e blusa, dispõe-se o collete ou espartilho, espécie de estojo de barbatanas de baleia, fechos de aço, cosidos em pano forte e que, por meio de cordões, se aperta mais ou menos. Resulta uma deformação do busto humano, cingido ao meio, em ampulheta, e esvasado para cima e para baixo⁴³.”

Mas, para Afrânio, tal peça de vestuário também teria características benéficas, pois conferiria à mulher disciplina em suas atitudes, visto que não poderia movimentar-se abruptamente, além de sustentar seus seios e direcioná-los à linha média. Entretanto, prossegue seu discurso ressaltando seus malefícios:

“Mas os inconvenientes sobram. O thorax apertado e immobilizado na base é obrigado a respirar pelas

⁴³ A. Peixoto, *Noções de higiene*, p. 323.

costellas superiores, de onde o cansaço fácil, por diminuição do campo respiratório e emphysema dos vetices, por dilatação de esforço, além do natural.(...) sobrem dificuldades circulatórias, estase sanguinea pulmonar, possível dilatação do coração direito. O fígado e o estomago são as victimas mais cruelmente lesadas, porque se acham ao nível do ponto mais estrangulado (...) A digestão, desde a ingestão deficiente dos alimentos até o obstáculo aos movimentos e fluxo dos sucos, é consideravelmente perturbada, em varias dyspepsias⁴⁴.”

Nota-se a partir desse discurso a influência que a moda já exerceria sobre suas seguidoras, impondo-lhes padrões de beleza que nem sempre seriam saudáveis. Esta persistência com ‘os maus hábitos’ começaria a ser criticada e levada em conta com a normalização das regras de Higiene, visto que a importância com a mudança abrupta de hábitos seria o que garantiria uma vida mais longa e uma menor taxa de mortalidade.

Segundo Afrânio Peixoto, haveria a necessidade de conduzir o pensamento da sociedade e lhe ensinar os melhores caminhos para conseguir manter a saúde; no que tange à moda diria o autor: “A multidão é rebanho, precisa de pastor, a

⁴⁴ *Ibid.*, pp. 323-4.

quem seguir. Só arranjando um guia ou cabeça com juízo, para levar a multidão ajuizadamente⁴⁵.”

A moda europeia atrelada aos costumes da sociedade brasileira deveria ser, para o autor, melhor observada e analisada, recebendo as adequações ideais para o seu uso no território nacional. O próprio Afrânio Peixoto ressaltaria que para o aspecto estético da roupa, haveria maneiras de se absorver as informações vindas de outros continentes.

Entretanto, tais adequações deveriam ser fundamentadas nos princípios da Higiene ‘uma aplicação prática de quase todas [as ciências]’ voltada ‘a cuidar da saúde e poupar a vida’⁴⁶.

Assim, no próximo capítulo enfocaremos as idéias de Afrânio Peixoto sobre a Higiene e suas relações com o pensamento sanitário de sua época.

⁴⁵ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 77.

⁴⁶ A. Peixoto, *Elementos de Higiene*, p. 564.

Afrânio Peixoto e a formação de suas idéias

Este capítulo procura mostrar a trajetória de Afrânio Peixoto nos diversos âmbitos de sua atuação com enfoque em seus estudos sobre a Higiene. A partir de suas relações pessoais e viagens, busca-se entender os pontos de interface do seu pensamento com o movimento sanitarista no Brasil⁴⁷.

Afrânio Peixoto nasceu em Lençóis, no interior da Bahia, em 17 de dezembro de 1876 e foi aluno da Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1892 e 1897⁴⁸. Lá teria como companheiro e professor Nina Rodrigues, médico maranhense que concluiu o curso no Rio de Janeiro em 1887 e passou a ensinar na Faculdade de Medicina da Bahia a partir de 1889.

Devido à proximidade pessoal, Nina Rodrigues viria a participar diretamente da trajetória de Afrânio Peixoto. Esse professor não só produziria estudos importantes na área de Medicina Legal, como também realizaria estudos direcionados à antropologia, sobre as crenças, mitos e valores dos 'africanos no Brasil' além de ter-se envolvido com a medicina social e epidemiologia em 1905⁴⁹.

⁴⁷ Referindo-se ao pensamento higienista da época, pode-se dizer que buscaria identificar os sintomas de nossa cultura, comparando-os às idéias de outras civilizações, constituindo-se, enfim, em um instrumento do projeto modernizador que nos garantiria uma almejada sintonia com o progresso. O Brasil seria até então pensado pelas suas ausências e o homem brasileiro caracterizado como atrasado, indolente, doente e resistente aos projetos de mudança. Esta perspectiva médico-higienista da sociedade brasileira transformar-se-ia numa questão cultural e política. N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, p. 315.

⁴⁸ M.C. Maio, Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica, *Revista da SBPC*, 11, p. 75.

⁴⁹ R. R. Jacobina, Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904, *Historia, Ciências, Saúde*, VIII (1), pp. 114-5.

Nina Rodrigues prefaciara a tese de doutoramento *Epilepsia e crime*⁵⁰ de Afrânio Peixoto em 1897 com os seguintes dizeres:

“Há, pelo menos, em tôda a obra, uma nota digna de elogio, é o tom de individualidade que a anima. Como estréia, não podia ser mais promissora; como obra de combate, corrigidas ligeiras lacunas, tem o direito a figurar entre as que mais merecem⁵¹.”

Percebe-se, nestas palavras, o apoio de Nina Rodrigues, que tentaria instaurar a carreira de Afrânio Peixoto na Bahia, ajudando-lhe, inclusive, em indicações para assumir o cargo de preparador de Medicina Legal do Estado. Nesta mesma tese, parte do prefácio seria desenvolvido por Juliano Moreira, seu mestre em psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia e chefe interino do Hospício Nacional⁵², que ressaltaria o valor de tal estudo:

“Sinto-me bem ao ler os modos francos com os quais o Dr. Afrânio Peixoto diz o que pensa, mostrando que não tem cérebro para absorver, mas também para elaborar, falando, além disto, em seu

⁵⁰ Nessa tese, Afrânio faz observações sobre a persistência das percepções e da consciência, “que viriam a destruir um dos dogmas da velha psiquiatria, que era o da inconsciência das crises comiciais de qualquer gênero.” L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 300.

⁵¹ Nina Rodrigues *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 27.

⁵² L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 51.

nome, (...) Para concluir direi: se o presente estudo tivesse sido escrito em outra língua que não a portuguesa, se fôsse publicado em outro meio que não o nosso, só o assunto dêle, cuja importância escusa encômios, faria dentro em pouco esgotar esta edição⁵³.

Conforme ressalta Juliano Moreira, Afrânio Peixoto seria um dos estudiosos da época que deveria receber certa atenção por suas idéias e por sua postura frente à sociedade baiana. Logo, a inserção de Afrânio Peixoto frente à sociedade brasileira e a repercussão de seus estudos receberiam certa notoriedade para estudiosos como Clovis Bevilaqua, Franco da Rocha e Viveiros de Castro. Alguns de seus exemplares seriam veiculados na Europa e suas idéias aceitas por Enrico Morselli em Gênova, Chaslin, Toulouse e Tarde em Paris e Bombarda em Lisboa⁵⁴.

Ao diplomar-se, em 1897, Afrânio Peixoto iniciaria sua vida profissional no interior da Bahia, onde pretendia exercer a carreira de clínico em Canavieiras. Receberia, então, um presente da mãe, a saber, um aparato necessário para o exercício de seu trabalho: caixas niqueladas de Collin para amputações, caixas para reseções sub-cápsulo-periósticas, materiais para partos e para tratamentos ginecológicos, além de vários catálogos e informações idôneas. Entretanto, Afrânio Peixoto não se sentiria seguro para atender os pacientes. A esse respeito,

⁵³ A. Peixoto, *Epilepsia e crime*, p. 2, in L. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 27-8.

⁵⁴ L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 28.

vale citar suas palavras ao receber o chamado para socorrer uma mulher em trabalho de parto:

“(...) fui eu acordado para socorrer a uma pobre senhora, em trabalho de parto, visto como sabiam que eu tinha um fórceps moderno, recém-chegado da Europa (...) Foi com a morte na alma que me vesti para sair (...) ao chegar a uma pobre casa da Birundiba, encontrei uma pobre mulher exausta de soprar numa garrafa fazendo esforços inúteis; foi preciso pó-la em repouso, dar-lhe alguma coisa a beber para a reanimar, esterilizar o meu fórceps e, milagre da natureza!, antes da minha intervenção, nascia a criança (...) Medo do instrumental? Ou a confiança, da ignorância, na presumida ciência?⁵⁵”

Este trecho das memórias de Afrânio Peixoto indica a visão da sociedade em relação aos aparatos médicos, ou melhor, a falta de aparatos e instalações para o atendimento público, assim como, o já citado poder financeiro da família do autor, ao importar os aparatos da Europa.

⁵⁵ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 30. (grifos nossos)

Contudo, nota-se a falta de confiança do autor em ‘clínica’ aliada à sua tendência de seguir a carreira de educador e pesquisador⁵⁶. Prossegue o autor em suas memórias e ao terminar esta narrativa diz que negava receber pagamentos por seus serviços:

“No fim do mês, pouco mais de nada e, êste pouco, foi de um sujeito que insistiu em me pagar as visitas (...) Tive uma tal vergonha de receber êsse dinheiro, que me parecia o da servidão (...) Estava liquidada a minha carreira profissional⁵⁷.”

Frente a tal realidade, Afrânio Peixoto iniciaria o seu distanciamento da prática clínica, mas ainda tentaria mais uma vez trabalhar em São Paulo. O fato de ter passado pelo Rio de Janeiro em sua viagem teria lhe causado tal sensação de estupefação que faria com que decidisse por voltar à cidade e firmar carreira:

⁵⁶ Conforme os Arquivos de Medicina Legal e Identificação, 1937, Vol. 14, 2ª parte, p. 334 *in* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 167: “Êle [Afrânio] poderia ter sido, se o quisesse, somente homem de letras. E teria sido, tanto lhe sobravam aptidões, exclusivamente homem de laboratório, de ciência experimental e especulativa. E não o foi, porque pressentiu que lhe estava reservado, antes de tudo, um alto lugar, um imenso papel de educador de nossa cultura.”

⁵⁷ Ainda viajaria a passeio e na volta a Canavieiras e contaria: “encontrei chamados para a capital [São Paulo]. (...) estive em São Carlos; em água Vermelha me indicaram um lugarejo, uma estação de ferro, Visconde do Pinhal, onde poderia exercer a minha atividade clínica. Fui tão infeliz, no pouso que me indicaram, uma espécie de hotel, onde encontrei alguns leprosos (...) No dia seguinte, tomei o trem para São Paulo e para o Rio, onde alguns dias me demorei, tornando à Bahia.” A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 31-3.

“(…) maravilhei-me do Rio – e era um Rio colonial, muito velho e muito feio, mas cuja vida intensa, intelectual e social, deslumbrou meus olhos provincianos. Senti logo que aqui seria meu pouso definitivo⁵⁸.”

Outra razão para que se mudasse para o Rio de Janeiro, conforme já apresentado anteriormente, seria o fato de Afrânio Peixoto ter relações muito pessoais com Nina Rodrigues:

“A amizade ao meu prezado mestre Nina Rodrigues privava-me de pensar na substituição dele: era moço e teria eu de esperar longos anos pela sua aposentadoria. (...) Embora tudo me prendesse à Bahia, já professor de duas escolas e médico da Saúde Pública, empreendi transportar-me ao Rio de Janeiro, para concorrer à vaga do professor Souza Lima, na Faculdade de Medicina⁵⁹.”

Ao ser nomeado secretário da Diretoria Geral de Saúde Pública, em 1902, estabelece contato com Oswaldo Gonçalves Cruz, mas abandonaria o cargo para

⁵⁸ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 33.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 36.

não gerar transtornos ao então citado médico, que já teria prometido tal nomeação para outra pessoa⁶⁰. Logo em seguida, torna-se diretor do Hospício Nacional de Alienados, devido ao afastamento de Juliano Moreira e, conforme declara o nosso autor: “Feito meu concurso na Faculdade de Medicina, era professor de Higiene, alcançara a Academia de Letras⁶¹”.

Decide então aperfeiçoar seus conhecimentos médicos e parte em viagem para a Europa em 1905 e 1906 em companhia de Oscar Rodrigues Alves, filho do presidente da época e da família do Dr. Alberto de Faria. Isso contribuiria para a carreira política de Afrânio Peixoto e conferiria maior repercussão de suas idéias entre os sanitaristas.

No continente europeu, viaja a cerca de dez países para turismo e conhecimento de artes: França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália, Suíça, Áustria, Alemanha, Espanha e Portugal. Nessa viagem, além de cumprir as obrigações oficiais em estudos sobre os alienados na Bélgica e na Escócia, direciona seus estudos pessoais na Alemanha, Áustria e França:

“Depois das colônias de alienados visitadas na Escócia e da de Gheel na Bélgica, que era a incumbência oficial que eu tinha, tratei dos meus estudos particulares. Era a Medicina Legal em Viena,

⁶⁰ Afrânio Peixoto teria a capacidade de relacionar-se bem com todos a sua volta, fato que o ajudaria em sua carreira política e o alcance de maior respeitabilidade entre seus iguais, cf. L. Ribeiro, *op. cit.*.

⁶¹ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 37.

a técnica das autópsias em Berlim, e a Bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris⁶².”

Durante esta viagem, fora discípulo de Landsteiner em Viena e teria feito contato com o Sr. Roux, estudioso acerca da sorologia anti-diftérica e Laveran, que mantinha suas atenções direcionadas às lições sobre a malária⁶³. Principalmente no Instituto Pasteur, desenvolveria seus estudos relacionados à Bacteriologia e perceberia a importância da Higiene para conduzir a sociedade para melhoria da qualidade da saúde no Brasil.

Afrânio Peixoto teria, então, dois focos de estudos: de um lado, a Medicina Legal e o estabelecimento de normas para ensinar a fazer autópsias completas, regulamentando a prática dos mais variados exames médicos-legais⁶⁴ – incluindo-se as concepções de Nina Rodrigues – e, de outro, a Higiene e a prevenção das doenças através da bacteriologia aplicada.

No que diz respeito à Higiene, Afrânio Peixoto proclamaria a sua importância em detrimento da medicina da época, a qual consideraria apenas um estudo para experiências e ações remediativas, nunca preventivas. Para o autor, a medicina em si não ajudaria o povo brasileiro a se manter saudável; seria a Higiene e a sua devida aplicação que forneceria ao Estado e à população meios de desenvolver o país, oferecendo-lhe novos horizontes:

⁶² *Ibid.*, p. 39.

⁶³ L. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 41-3.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 58.

“(...) e lá fora, desde a aula primária, nas escolas preparatórias, normais, profissionais, porque só a saúde é a compensação da vida, e essa glória de viver são só consegue e ensina a Higiene⁶⁵”.

No caso do Brasil, a Higiene teria certa importância e relevância nas interpretações sobre os dilemas e as alternativas colocadas para a construção da nação: “a idéia de *males* não apresenta, dessa forma, apenas uma analogia com o discurso médico, mas trata-se de uma alusão às doenças como obstáculo ao progresso ou à civilização⁶⁶”.

O que estaria em voga neste período seria a relação entre o Estado e o movimento sanitarista que procuraria mostrar ao governo maneiras de pensar a saúde no Brasil e melhorá-la. Os pensadores deste movimento procurariam entender as características do país e como ajudá-lo a melhorar as condições de vida da população, diante da concepção de que o Homem não se distinguiria da natureza, sendo produto do meio em que vive⁶⁷.

Para Afrânio Peixoto, a Higiene seria responsável pela melhoria das condições de saúde da população de modo que ela seria uma epítome dos estudos – retomados havia apenas cem anos – e de tudo que já tinha sido analisado tendo em vista a melhoria da saúde e da qualidade de vida do ser humano. Retomando suas já citadas palavras:

⁶⁵ A. Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 64.

⁶⁶ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, p. 315.

⁶⁷ I. Lins, *História do positivismo no Brasil*, p. 510.

“A higiene não é precisamente uma ciência, porque é uma aplicação pratica de quase todas. É um conjunto de preceitos, buscados em todos os conhecimentos humanos, mesmo fora e alem da medicina, e tendentes a cuidar da saúde e a poupar a vida. (...) o mister da higiene é remover tais condições [de insalubridade], reduzindo tudo ao termo desejado de uma salubridade perfeita;”⁶⁸

Pode-se considerar que, o autor afirmaria que a Higiene não seria precisamente uma ciência, levando-se em conta a visão positivista corrente que influenciaria o pensamento dos estudiosos daquela época. A partir dos fatos, o autor abandonaria a consideração das causas dos fenômenos (procedimento teológico ou metafísico) e buscaria, a partir da pesquisa de suas leis, o entendimento das relações constantes entre fenômenos observáveis:

“Como sistema filosófico, político, social, educativo ou religioso propõe-se na verdade, o Positivismo a reorganizar a sociedade sem Deus, nem Rei, através da ciência e do predomínio da fraternidade universal⁶⁹.”

No que concerne a essa visão, haveria diferentes concepções relacionadas às diferenças de interpretação, que variariam com a personalidade dos autores

⁶⁸ A. Peixoto, *Elemento de higiene*, p. 7.

⁶⁹ I. Lins, *op. cit.*, p. 564.

brasileiros, entretanto, não destruiriam a linha comum de pensamento positivista, 'ligando correntes e teorias que, na época, supunham distanciadas'⁷⁰.

No entanto, para salientar a importância da Higiene, Afrânio Peixoto recorreria a termos atribuídos a autoridades médicas clássicas como Galeno e mais adiante Hipócrates: “[Higiene] Significa, em grego, *são, coisa sadia*, e foi palavra empregada por **Galeno**⁷¹”.

Retornando de estudos realizados fora do país ou mesmo tendo estudado no Estado baiano, tal como o autor analisado nesta dissertação, a gama de profissionais envolvidos no movimento sanitarista buscava estabelecer no governo novas medidas para o controle de epidemias, inclusive por meio do estudo das raças – a Eugenia – ou da Higiene de maneira a cuidar das alterações propostas nos hábitos das famílias e estruturas físicas das cidades.

A fim de ilustrar seu pensamento sobre a importância do uso adequado da Higiene pelo Estado e o caráter obsoleto da Medicina da época, Afrânio Peixoto declararia em sua obra que o descrédito e a conseqüente queda desta ciência estariam por vir, e que a Medicina não trataria dos doentes, mas sim os observaria e os cuidaria através de um processo idiossincrático:

⁷⁰ *Ibid.*, p. 11.

⁷¹ A. Peixoto, *Elemento de higiene*, p. 7, grifos do autor. Ao ressaltar as idéias de Galeno, Afrânio Peixoto faria alusão a um pensamento antigo que se perdera durante parte do desenvolvimento das nações.

“A velha medicina (...) [viria] apenas obviar aos acidentes, emendar os vícios e se opor á causa, para demorar, já que não pode suprimir a morte. Sinal dessa conformação de espírito está no descrédito progressivo das drogas e mezinhas e na persistente emulação com que cultiva ainda a anatomia patológica: desenganada do préstimo milagroso com que a toxicologia mineral, vegetal, e industrial nos últimos dias, pretendeu a cura das doenças, consola-se em saber pacientemente todas as miúdas alterações dos organs, fibra por fibra, granulo por granulo, vacuolo por vacúolo⁷².”

Crete dessas afirmações, Afrânio Peixoto continuaria sua caminhada rumo ao sucesso do movimento sanitarista no país e, sem grandes mudanças nos anos seguintes, faria um discurso em 3 de agosto de 1916 quando de sua posse à cátedra de Higiene, com a ocasião da jubilação do professor Rocha Faria:

“neste fúnebre aparêlho, como diz a macabra ironia do cronista, uma só, esta singular cadeira de Higiene, dedicada à saúde. É o que menos se trata, naturalmente, nas Faculdades de Medicina (...) **Eu não comungo da nossa crença e não acredito na**

⁷² *Ibid.*, p. 663.

Medicina, não tanto por despeito de desajeitado, porque nem lhe tentei jamais o exercício, mas, (...) da sua incapacidade de tratar os males que não se curam de si mesmos, creio fervorosamente na Higiene, (...) Não há uma só sequer das doenças crônicas que a nossa Medicina tenha sabido curar. (...) A Higiene, mais modesta e que não tem um século de cultura racional, (...) já pode ser chamada a plenário, sem vexame. (...) A Medicina não sabe curar as doenças orgânicas, a Higiene as pode evitar⁷³.”

A partir desta concepção entender-se-ia a escolha da Higiene como campo de diálogo entre a medicina e a sociedade, formando um campo de produção que possibilitaria o entendimento do modo como determinadas doenças seriam alçadas à condição de problemas de relevância social e da forma como se daria a implantação do debate sobre os problemas sanitários no país⁷⁴.

Ao ocupar-se de certo grupo de fenômenos, Afrânio Peixoto buscaria a unidade, inicialmente entre a medicina e a Higiene, para que o conhecimento pudesse radicar o fato de se empregar um mesmo método, gerando uma idêntica metodologia em busca de convergência e homogeneidade de teorias.

⁷³ “Jornal do Comércio”, Rio, 4 de agosto de 1916 *in* L. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 60-5. (grifos nossos)

⁷⁴ L. O. Ferreira, Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43), *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, 2, pp. 332-3.

Afrânio Peixoto realizaria ainda estudos relacionados ao folclore brasileiro, buscando no contato com pessoas das várias regiões do país, durante as suas viagens, colher informações, que culminaram em um livro: *Missangas, poesia e folclore*⁷⁵.

“Êsse folclore é bem ciência, e do nosso tempo. Ciência, porque é conhecimento e não invenção, como a História, ainda a documentada, pois que se funda sôbre o testemunho, desmoralizado psicològicamente, até em direito processual⁷⁶”.

Todavia, Afrânio Peixoto buscaria entender o processo de absorção dos conhecimentos intrínsecos na cultura brasileira para assim melhorar suas capacidades intelectuais e físicas, assim como maneiras mais eficazes de se comunicar com o leitor, visando ao desenvolvimento de uma nação forte, produtiva e saudável economicamente.

Estudando o folclore brasileiro, Afrânio Peixoto buscaria o entendimento do pensamento do povo brasileiro e a possível percepção do caráter teológico de relação com a natureza, onde a imaginação desempenharia o papel de primeiro plano. Diante da diversidade da natureza, o homem só conseguiria explicá-la mediante a crença na intervenção de seres pessoais e sobrenaturais.

⁷⁵ A. Peixoto, *Missangas, poesia e folclore*.

⁷⁶ Afrânio Peixoto *apud* L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 181.

Sendo assim, se o foco central do pensamento sanitaria era a presença da doença como o grande obstáculo a ser superado, ela seria estudada a partir de várias vertentes: atrelada à natureza, diretamente ligada ao clima e, para alguns, à raça. Daí, as idéias sobre a identidade nacional seriam freqüentemente atreladas à constatação da fragilidade do homem diante da natureza tropical: “Esse contraste e a idéia de uma inadequação entre o ambiente natural, o homem e a cultura européia são temas constantes do pensamento social no Brasil⁷⁷”.

Ao tornar-se professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1906 após concorrer com os sanitaristas Barros Barreto e Tanner de Abreu, Afrânio Peixoto atribuiria seu sucesso aos conhecimentos adquiridos na Bahia com trajetória de estudos realizados sob a orientação de Nina Rodrigues e Juliano Moreira⁷⁸ e não aos seus estudos na Europa. Contudo, durante as provas de admissão, demonstra profundo conhecimento acerca dos assuntos abordados, além de apresentar novas técnicas aprendidas em sua viagem à Europa, principalmente na Áustria.

Em 1907, é nomeado diretor do Instituto Médico-Legal, onde participa da reforma dos métodos periciais numa época em que, por exemplo, Afrânio Peixoto reúne 2701 documentos a partir da observação de hímens⁷⁹, exemplo do cuidado e severidade com que conduziria seus estudos. Ao lançar sua obra “Medicina legal” em 1910, diria em seu prefácio:

⁷⁷ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, p. 319.

⁷⁸ M. C. Maio, Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. *Revista da SBPC*, 11, pp.75-6.

⁷⁹ L. Ribeiro, *op. cit.*, pp. 45-58.

“deve saber os fatos da prática, conhece-los pela observação, interpreta-los pelas noções adquiridas, no estudo e na experiência, e, claramente, sem subterfúgios, dizer à justiça a sua opinião.⁸⁰”

Assim, para o autor, a arte da perícia seria um ato de justiça que deveria ser melhor estudada, pois a prática ocorrida no país estaria no mais alto grau de empirismo, visão compartilhada por Nina Rodrigues⁸¹.

Na época do lançamento dessa obra, Afrânio Peixoto viajaria à Europa em 1910 e, em 1911, retornaria ao Brasil e seria eleito membro da Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, ainda realizaria mais um retorno à Europa em 1912.

Já no Brasil, teria entrado em contato também com Miguel Pereira, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e presidente da Academia Nacional de Medicina, o qual compartilharia das idéias que começavam a ser desenvolvidas a partir do relatório da expedição científica organizada pelo Instituto Oswaldo Cruz, iniciada em 1912, e chefiada por Belisário Penna e Artur Neiva⁸².

O produto deste relatório envolveria o diagnóstico de um país, até então considerado doente, um grande hospital, e impulsionaria campanhas em prol do

⁸⁰ A. Peixoto, *Medicina Legal*, p. 5.

⁸¹ L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 293.

⁸² Belisário Penna estaria ligado ao movimento sanitário e fazia mais algumas viagens ao interior do país, estudando seus sertões e a condição de vida de seus habitantes e, junto a Carlos Chagas e Artur Neiva, comissionados pelo Instituto Oswaldo Cruz, faziam em 1906 a descrição da etiologia de uma moléstia ainda desconhecida, a tripanossomíase americana. Vide E. V. Thielen & R. A. Santos, Belisario Penna: Notas fotobiográficas. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, 9 (2), p. 391.

saneamento. Tal relatório, ao ser comentado em jornais bem como em debates acadêmicos e parlamentares, teria impacto público em 1916, revelando um país com uma população desconhecida, atrasada, doente, improdutiva e abandonada, sem nenhuma identificação com a pátria⁸³.

Portanto, naquele período buscava-se um entendimento acerca da realidade nacional e procurava-se demonstrar a preocupação e a fonte de estudos dos higienistas brasileiros.

A fim de ilustrar tais pensamentos, há o trecho retirado de um documento de 1913 publicado pelo jornal O Estado de São Paulo para a comemoração dos cem anos de Higiene no Brasil, apresentando a comparação entre as taxas de mortalidade no Brasil que mostraria o progresso atribuído à prática dos usos aconselhados pela Higiene: “Recife (32.,52 por mil) já tem obituário inferior à Sevilha (36,06), Nitcheroy (27,48) abaixo de Madrid (28,03)....⁸⁴”

No prefácio ao seu livro *Elementos de hijiene*, intitulado ‘Advertência’, Afrânio Peixoto alude aos estudos da Higiene e afirma que eles se iniciariam cem anos antes da publicação de sua obra, em 1913:

“Ha um seculo justamente (1813-1913) que começou o ensino e o estudo oficial da hijiene. (...) É apenas um esboço, que já reúne ás noções gerais mais recentes os dados particulares que mais importam ao nosso país.(...) Não falta ao que escreve estas linhas

⁸³ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, pp. 316-7.

⁸⁴ O Estado de São Paulo, *Um século de cultura*, p. 11.

a esperança de justificar mais tarde, cabalmente, a sua ousadia, tanto sente agora o peso da responsabilidade⁸⁵.”

Para Afrânio Peixoto, portanto, haveria a necessidade de se entender as razões de alta taxa de mortalidade e doenças presentes no Brasil através de outros meios, não atrelando as características físicas do brasileiro, a mera questão racial, pois para o autor, boa parte das doenças presentes no Brasil, também existiriam na Europa:

“A razão, além de uma maior resistencia por educação, treinamento, conhecimento das cousas nocivas a evitar, está na redução da mortalidade geral e na extinção progressiva do obituario por doenças infecciosas. E tudo isto é obra da hijiene.⁸⁶”

Ao se considerar o movimento sanitaria brasileiro, percebe-se a mudança de enfoque do que seriam as mazelas do Brasil, dentre elas questões como herança colonial, composição étnica da população, ausência do poder público nas áreas de educação e saúde, entre outros diagnósticos que sucederiam ao longo desse período para a regulamentação, e a conseqüente mudança dos hábitos da

⁸⁵ A. Peixoto, *Elementos de hijiene*, p. 5.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 667.

sociedade, e demonstrariam a persistência do tema das bases sobre as quais construir uma nação⁸⁷.

Entretanto, o movimento ultrapassaria a constatação de realidades presentes na sociedade brasileira e o direcionamento da conduta governamental. As intervenções não caberiam apenas ao corpo do indivíduo, mas também ao corpo social. Era necessário intervir na conduta social, ensinar o que usar e como se prevenir de certas mazelas presentes em quase 70% da população brasileira⁸⁸. Afrânio Peixoto ratificaria em suas idéias essa busca pelo prolongamento da vida:

“A Bíblia, Plínio, Valerio Maximo, Luciano, Apolônio, a Vida dos Santos, Bacon...são repetidos hoje nos exajeros dos jornalistas e autores ou optimistas de nosso tempo, que sonham com a ortobiose, para a lonjevidade. O caso só nos interessa agora como demonstração de um fato, o estabelecimento de uma relação. (...) Foi Sócrates o filosofo maximo, quem disse: ‘não recebemos curta a vida; nós é que a breviamos.’ Esta verdade profunda pode ter uma comprovação pratica que será o louvor da hijiene⁸⁹.”

⁸⁷ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, p. 315.

⁸⁸ E. C. Marques, da higiene à construção da cidade: o Estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, II (2), p. 56.

⁸⁹ A. Peixoto, *Elemento de hijiene*, p. 665, grifos do autor.

Portanto, o debate sobre as influências no quadro de doenças existentes no Brasil continuaria intenso, ora observando as ameaças nas zonas tropicais seriam encontradas na multiplicação da fauna diminuta dos insetos e vermes e da fauna invisível dos microorganismos, ora observando questões que relegariam parte das causas das doenças para a questão racial, principalmente ao caboclo, através de comportamentos sociais que indicariam imprevidência⁹⁰.

Partindo desta afirmação, surgiriam algumas outras ramificações do movimento sanitário, dentre eles a *eugenia*, que, segundo Luzia Aurélia Castañeda⁹¹, foi um plano de ação que interferiria na reprodução humana na esperança de reverter a tendência degenerativa da raça. Várias campanhas seriam realizadas para confirmar seus benefícios e o anseio nacionalista de ordem e progresso: “uma nação só poderia progredir se tivesse um povo saudável e inteligente⁹².”

Sendo assim, o tema da Eugenia, assim como o da Higiene em si, estaria ligado direta ou indiretamente a congressos e conferências sobre legislação social, saúde e família e, além disso, aos debates sobre medicina legal e sobre a regulamentação do Estado sobre o matrimônio⁹³.

Com isso, a Higiene e a eugenia estariam a buscar a visualização de intersecções entre as ciências e os hábitos da vida social, visando ao

⁹⁰ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúde, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, pp. 319-20.

⁹¹ Luzia Castañeda afirmaria ainda que “tanto a preocupação eugênica como a higiênica, (...), comprovam a íntima relação existente entre o movimento eugênico brasileiro e a ciência jurídica da época.” in L. Castañeda. Eugenia e casamento, *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, p. 923. Afirmaria ainda a autora que não seria somente a higiene que cuidaria do meio ambiente e que a eugenia também o faria de forma mais contundente.

⁹² L.A. Castañeda, Eugenia e casamento, *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, pp. 903 e 915.

⁹³ W. Stefano, “Octavio Domingues e a Eugenia no Brasil: uma perspectiva Mendeliana”, p. 6.

entendimento de como certas estruturas da vida influenciariam a sociedade e como ela faria uso dessas, “onde certas questões como raça e herança colonial assumem crescente importância nas controvérsias que marcam as três últimas décadas do século XIX e as três primeiras décadas do século XX⁹⁴”.

Em meio a estes estudos, a obra *Elementos de higiene* apresenta seu discurso em 1913⁹⁵ e é reeditada com enfoque para o ensino em 1914, recebendo outras reedições até meados de 1940. Nela, Afrânio Peixoto faria alusões aos seus estudos direcionados à Higiene e apontaria para as diversas áreas em que esta ciência poderia ser aplicada para a melhoria da qualidade de vida do brasileiro.

Assim, inicia seu livro abordando o solo, formação, origem, parasitas, e como saneá-lo, baseando-se nos ensinamentos absorvidos durante seu curso em Paris sobre a bacteriologia, e prossegue o discurso aplicando-o à água, e depois ao ar.

A seguir, descreve o clima do país e alude ao fato de não haver regiões inabitáveis, afirmando que o clima brasileiro não estaria ligado às questões de insalubridade, possibilitando aos habitantes um desenvolvimento próspero.

Após analisar os itens acima citados, disserta sobre o tipo de alimentação existente e oferecida no território brasileiro, e os divide em quatro tipos: minerais, vegetais, animais e líquidos. Realizadas as apresentações, propõe regimes

⁹⁴ N. T. Lima, *Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*, p. 315.

⁹⁵ Afrânio Peixoto teria conhecido o livreiro que publicara a sua obra em 1910, em Paineiras, de quem se tornara amigo, cf. L. Ribeiro, *Afrânio Peixoto*, p. 86. Na época da primeira edição, tornou-se professor de Medicina Pública da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde ministraria aulas sobre Medicina Forense.

alimentares para crianças e adultos. Segundo Afrânio Peixoto, um dos problemas estaria ligado aos maus hábitos e a sub-alimentação.

No capítulo VI, demonstra a importância dos cuidados relacionados à escolha da habitação ideal, passando pela arquitetura, largura de ruas, ventilação, tipos de paredes, tetos, forros, entre outros. Ao discutir esse assunto, diria que o brasileiro não teria compreendido a necessidade de morar de acordo com o clima, e traduzir as vertentes arquitetônicas, que viriam da Europa.

Ao aludir ao vestuário no capítulo VII, enfoque deste trabalho, Afrânio Peixoto observa as necessidades do corpo e suas relações com o clima e apresenta um estudo aprofundado sobre as características das fibras de certos tecidos, as cores, as formas de roupas e finaliza com um discurso fervoroso contra a moda.

Continua seu livro a observar as condições especiais de saúde, desenvolvimento corporal, raça, sexo e proporções, a educação escolar, desde acomodações a materiais ideais para o estudo e propõe certas diversões: exercícios corporais.

Relaciona seus estudos à anatomia, condições ideais para trabalho, o asseio corporal ideal e às condições ideais de higiene para hospitais.

Caracteriza e define ainda as diferenças entre a vida no campo e na cidade, a demografia do país: contabilidade da higiene, ponto em que calcularia os valores de um trabalhador no Brasil e quanto o governo deixaria de ganhar com a enfermidade deste indivíduo.

Termina sua obra em discursos alusivos aos agravos à saúde e aos meios de evitá-los, ao observar acidentes, infecções e afecções dos animais domésticos, comuns ao homem, através da profilaxia, tratamento das doenças comuns, de regimes e dietas. Por fim, traçaria breve estudo relacionado à administração sanitária e ao ensino da higiene no Brasil⁹⁶.

Observando-se os discursos apresentados por Afrânio Peixoto, seria de se esperar que agitasse os meios científicos do Rio de Janeiro. O autor comprovaria a sua posição contrária à noção de um país insalubre e doente, afirmando que a saúde estaria na dependência material que o povo dispunha para a sua defesa e proteção⁹⁷. Prosseguiria o autor afirmando que as doenças presentes no Brasil não seriam próprias e específicas do país, que o clima não afetaria a saúde do ser humano.

Observando-se as idéias veiculadas nesses capítulos, principalmente as ligadas ao vestuário, pode-se perceber que essa obra teria como principal objetivo a educação do povo brasileiro, a partir da mudança dos hábitos de vida da elite, possivelmente embasando-se num dos princípios fundamentais do Positivismo: “o da primazia da educação para a solução do problema social, devendo a classe proletária participar da riqueza intelectual tanto quanto os detentores do capital⁹⁸”.

Conforme já citado, na mesma época circulariam Manuais e Publicações direcionadas ao público feminino para a melhoria na conduta dos hábitos da

⁹⁶ O enfoque do estudo está direcionado ao capítulo vestuário, entretanto, cabe citar as outras vertentes de estudo de Afrânio Peixoto, a fim de confirmar a sua penetração em diferentes âmbitos da sociedade brasileira. A. Peixoto, *Elementos de higiene*, pp. 671-8.

⁹⁷ L. Ribeiro, *op. cit.*, p. 68-9.

⁹⁸ I. Lins, *op. cit.*, p. 579.

família. Ao citar o papel da mulher na sociedade em sua obra *Rosa Mística*, Afrânio Peixoto receberia o seguinte comentário de Araripe Júnior na Academia Brasileira de Letras:

“Como Augusto Comte, entendia o poeta que na companheira do homem residia o dogma da redenção da humanidade. Até aí nada censurável. (...) o escritor pregava a glorificação do sexo frágil, remodelando o homem pela submissão das energias da vontade e da inteligência ao puro sentimento da castidade, da ternura, da angelitude feminil⁹⁹.”

Dessa forma, pode-se perceber que as concepções de Afrânio Peixoto sobre a Higiene ligavam-se às discussões dos sanitaristas daquela época. Porém, cabe considerar com maior profundidade, em que medida as polêmicas relações entre Higiene e moda se manifestavam junto à elite brasileira. Para isso, no próximo capítulo serão enfocadas imagens de moda colhidas em números da Revista *Fon Fon!* publicados entre 1912-13.

⁹⁹ A. Júnior *apud* I. Lins, *op. cit.*, p. 511.

As imagens de moda e a Higiene de Afrânio Peixoto

Este capítulo procura mostrar as imagens de moda contidas em edições da revista *Fon Fon!*¹⁰⁰ publicadas entre 1912 e 1913, contrapondo-as às descrições apresentadas na obra de Afrânio Peixoto sobre os costumes de uso da moda pelas brasileiras. Além disso, procura-se apontar para a interface e a transmissão do costume do uso da moda entre o Brasil e a Europa.

Seria a partir do advento da fotografia, em meados da primeira metade do século XIX, que as “relações entre texto verbal e imagem começariam a invadir cada vez mais o nosso cotidiano através dos jornais revistas, publicidade impressa e de rua.”¹⁰¹ A partir daí, observar as interfaces entre o discurso contido na obra *Elementos de higiene* de Afrânio Peixoto, o pensamento de outros higienistas e os periódicos – no caso, a revista *Fon Fon!* – com suas imagens de moda, formariam um *corpus* produtivo para análise do comportamento da época.

A revista *Fon Fon!* foi publicada a partir de 1907 e seguiria até meados de 1958¹⁰². Dirigida à elite carioca inicialmente¹⁰³, traria informações sobre as notícias

¹⁰⁰ As imagens apresentadas são fontes de coletas através de câmera fotográfica digital na biblioteca Nadir Gouveia da PUC-SP.

¹⁰¹ M. H. R. Beltran, *Imagens de magia e de ciência entre o simbolismo e os diagramas da razão*, p. 9, prefácio de Lucia Santaella.

¹⁰² Na época de seu fechamento no número 2637, a revista, que já teria boa parte de seu *corpus* editorial dirigido ao assunto moda, agradecería aos leitores o carinho e o respeito dirigidos ao falecimento do presidente Sérgio Silva e, em seu discurso, diria que a revista feita para o lar, com 51 anos de vida, não pôde comprar as máquinas indispensáveis para concorrer com as suas congêneres. *Fon Fon!* ano 56, n 2637, 2ª quinzena de agosto de 1958, pp. 19 e 51.

¹⁰³ O enfoque inicial seria a elite, entretanto, para as imagens apresentadas na revista, vale lembrar que o público analfabeto teria o mesmo acesso, podendo absorver tais informações. Além disso, ressalta-se o direcionamento deste estudo: 1912 e 1913, época em que o grande número de pessoas alfabetizadas pertenceria à elite brasileira.

mundiais, movimentos e pensamentos relacionados à política e às figuras da sociedade consideradas importantes em seções como a *Black notes mundial* e *Perfis internacionais*, que abriam cada número dessa publicação.

O periódico fazia inserções de perfis do interior da então metrópole, Rio de Janeiro, e sobre as elites presentes em outros Estados, entre as páginas 10 e 20 e entre as páginas 40 e 50, respectivamente. Ademais, essas colunas estariam sempre alternadas com anúncios e a revista apresentaria ainda crônicas, poesias, e um guia de serviços, o *Indicador da Fon Fon!*.

Entretanto, para se analisar a moda daquela época deve-se levar em conta a diversidade e incongruência em relatos sobre o vestuário da época no Brasil a partir de bibliografia disponível sobre o assunto¹⁰⁴. Portanto, deve-se procurar entender o diálogo entre o que seria Moda na época sem poder definir regras precisas sobre o comportamento, torna necessário direcionar a atenção às representações do vestuário utilizado em discursos tão profusos, quanto desconhecidos, e a imposição de tais discursos à “boa sociedade” para gerar a distinção social e também sexual.

Conforme será observado a partir das figuras e do *corpus* textual do semanário *Fon Fon!*, o discurso de moda seria direcionado às mulheres e estaria sempre próximo de informações sobre política e crônicas ditas inteligentes. Desse modo, o assunto “moda” nunca seria dirigido aos homens mostrando-se sempre como um discurso feminino, ou seja, uma insígnia de classe e sexo, que,

¹⁰⁴ As citações sobre o assunto moda foram contrapostas entre alguns autores, para verificação de pontos em comum. Além disso, foram coletadas informações sobre os costumes franceses, devido ao processo de assimilação de informações da moda estar diretamente ligado, conforme será traçado nesse capítulo.

entretanto, seria contraposta ao discurso higiênico para a melhor adaptação da vestimenta.

O espaço urbano carioca começaria desde meados do século XIX, devido à modernização da cidade, a ser controlado pela elite no que diz respeito aos eventos sociais como uma espécie de política pública velada¹⁰⁵. Tal fato colaboraria para que revistas como a *Fon Fon!* fossem inseridas no meio cultural das sociedades que se pretendiam metrópoles. Ao se observar as imagens publicadas nessa revista, é possível vislumbrar quais seriam os valores da época e, daí, a escolha por citações alusivas a algumas fotos tais como: “amigas da *Fon Fon!*”, “*Fon Fon!* em Paris”, “*Fon Fon!* em Nitcheroy” ou ainda referências a quem viajaria ao exterior ou estivesse de lá regressando. Este tipo de discurso, comum às imagens, ilustraria a conotação que a revista buscava para elucidar seu caráter especial no sentido de poder relatar o cotidiano da elite brasileira¹⁰⁶.

Seria a partir da virada do século XIX para o século XX que o vestuário e a moda começariam a diferenciar-se através do processo de acessibilidade à moda que, para ser observada – em qualquer época – não deveria ser tratada somente enquanto roupa para cobrir o corpo com a finalidade de se proteger do frio ou por razões de pudor, mas sim observar as formas de expressão, comunicação e a própria percepção do homem frente à sua natureza, ponto em que o objeto perderá a sua funcionalidade física e adquirirá o valor comunicativo¹⁰⁷.

¹⁰⁵ M. A. D’Incao, Mulher e família burguesa, in M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil*, p. 225.

¹⁰⁶ Nesse semanário há ainda referências às elites de Minas Gerais, Paraíba, Salvador e outras regiões do país, entretanto são esporádicas.

¹⁰⁷ U. Eco, O hábito fala pelo monge in U. Eco *et alii*, *Psicologia do vestir*, pp. 7-36.

Os padrões da moda naquela época sofreriam certo grau de mutabilidade, atrelados às questões climáticas e à percepção do que seria moda na França, principalmente. Estas características conviveriam juntamente com o discurso higienista que declararia o que seria ideal para a melhoria na saúde pública¹⁰⁸. Com isso, pode-se dizer que o ato de se vestir poderia ser tomado como um dos primeiros a testemunhar a mudança nos padrões de uma sociedade, visto que, por tal ato, se buscaria pertencer a uma determinada classe social¹⁰⁹. Isso já ocorreria desde a época do Império, após a chegada da família real portuguesa, quando idéias novas sobre higiene e saúde seriam disseminadas entre a elite¹¹⁰.

Em tempo, observar a moda de uma época passada e não contrapô-la ao tempo atual pode ser perturbador, mas ajudará a compreender o contexto em que Afrânio Peixoto desenvolve suas idéias. Ao se remeter para o autor, vale lembrar, mais uma vez, que ele viajaria à Europa três vezes antes de publicar *Elementos de hijiene* e, provavelmente, a estética da moda do exterior também o influenciaria, além dos movimentos instaurados lá e no Brasil visando o uso de roupas adequadas para a saúde.

Ao buscar embasamento nas imagens da Revista *Fon Fon!*, uma das vertentes ansiadas foi visualizar o que motivaria a moda da época em que o processo de modernização do Rio de Janeiro e a instauração da República ocorreriam. Numa época em que as idéias de civilização estariam ligadas ao

¹⁰⁸ Ao se tratar do sociólogo Gilberto Freyre, o autor afirmaria em sua obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933, que a influência do clima na organização social diminuir-se-á à proporção em que o desenvolvimento destas concepções ganha valor e permite a modificação do homem sobre seu meio e deixaria de ser um obstáculo ao seu desenvolvimento. L. A. Teixeira, Da raça à doença em Casa-grande e senzala, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, IV (2), p. 235.

¹⁰⁹ M. Livolsi, Moda, consumo e mundo jovem in U. Eco *et alii*, *op. cit.*, p. 38.

¹¹⁰ M. A. D’Incao, Mulher e família burguesa in M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil*, p. 225.

movimento de europeização da capital, em detrimento à velha cidade da sociedade patrimonial¹¹¹.

A partir da vinda da família real ao Brasil, no começo do século XIX, a sociedade carioca daquela época sentiria a necessidade de aprimorar seus costumes e aproximar seus valores aos da sociedade que seriam referências dos bons hábitos e costumes: o modo de vida francês¹¹².

A moda do período estudado continuaria a direcionar suas atenções à capital francesa, ícone de qualidade e inovações na área do vestuário. A grande mudança ocorrida no final do século XIX e início do século XX seria a imposição da silhueta em S, onde o busto seria projetado para frente e os quadris para trás, devido ao desconforto gerado pelos espartilhos nas virilhas¹¹³, daí que, no Brasil do início do século XX, o objetivo principal seria, a qualquer preço, se parecer com Paris e com a sua população¹¹⁴.

No que diz respeito à visão da sociedade na época sobre os padrões estéticos latentes, tanto a europeia quanto a brasileira, pode-se afirmar que essa articulação da moda ao corpo ocorreria a partir da aceitação ou negação da plástica do corpo pela moda. Como a representação da figura humana surge muito depois do revestimento pelo traje, é a plástica da moda que se manifestaria

¹¹¹ *Ibid.*, p. 226.

¹¹² J. Needell, *op. cit.*, p. 49.

¹¹³ Esta postura seria aos poucos amenizada, mas permanecendo por toda a época estudada.

¹¹⁴ Na Europa a moda começaria a obter relevância na segunda metade do século XIX, período em que as roupas passariam a ser produzidas industrialmente; sobre essa questão vide, por exemplo, J. Braga, *História da moda: uma narrativa*, p. 60.

aos olhos, recuperando ou apontando as principais linhas de construção do corpo de modo a garantir a presença vestida do corpo¹¹⁵.

Conforme se percebe na figura 02, a busca pelos valores franceses ou ainda europeus, estaria presente na carnavalização e aniquilamento dos costumes brasileiros em detrimento aos valores europeus.

¹¹⁵ K. Castilho, “Configurações de uma plástica do corpo à moda”, p. 15.



Figura 02- Capa Fon Fon! 27/07/1912 nr. 30 alusiva à moda da época em receber convidados para o chá da tarde, referido na revista enquanto five-o-clock tea.

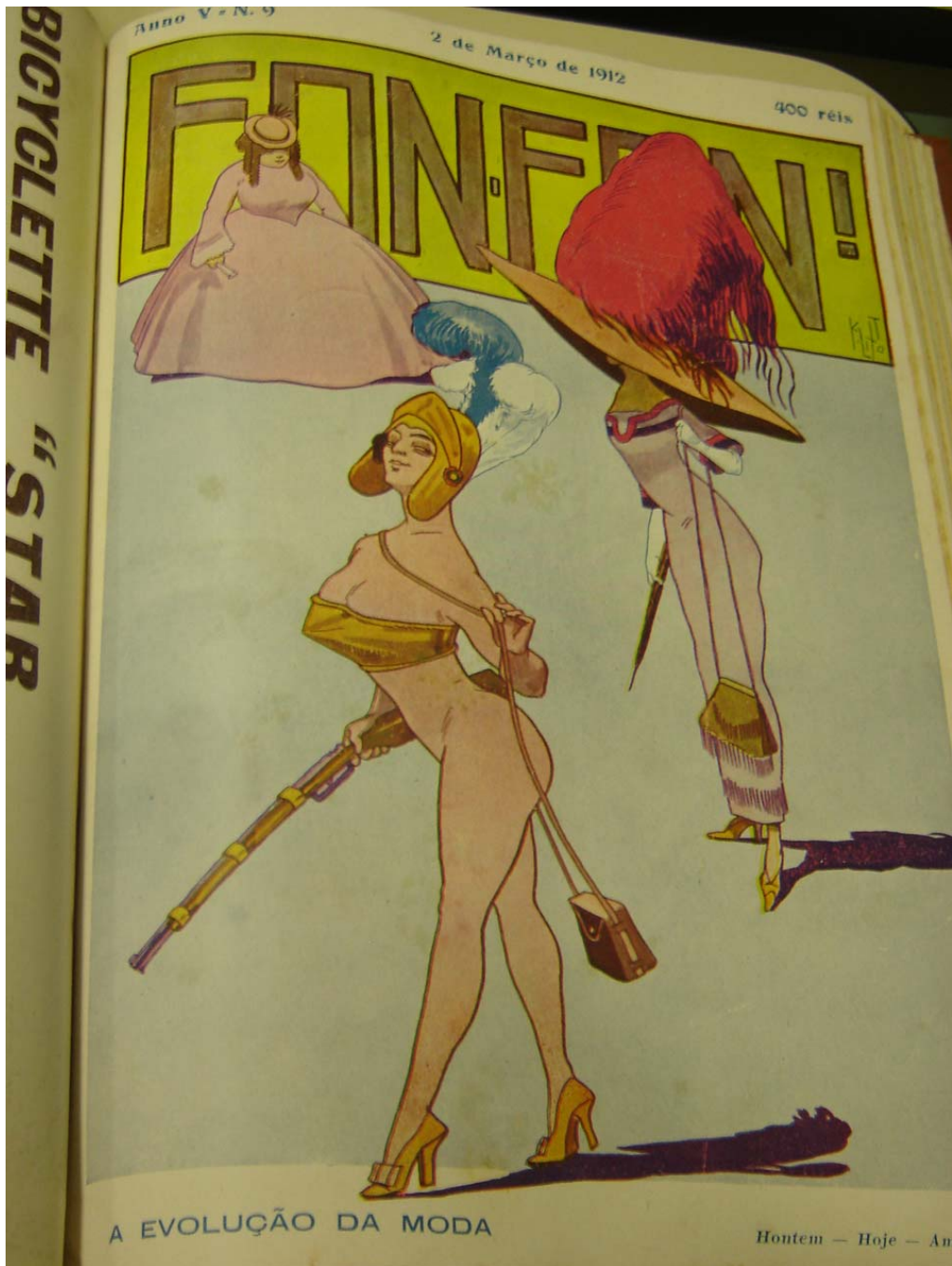


Figura 03: Capa da revista Fon Fon! de 02/03/1912 nr. 9, haveria a alusão ao abandono de excesso dos tecidos utilizados, e ao movimento na Europa de abandono do uso de espartilhos.

Ao observar-se a figura 03, percebe-se certa crítica aos padrões da moda que começariam a se desenvolver entre a elite carioca e ao seu direcionamento. Haveria, nesta figura, um discurso saudosista relacionado à época em que as mulheres usariam crinolinas¹¹⁶ por baixo dos vestidos – figura ao alto e à esquerda – época em que personagens como Lucíola de José de Alencar seriam apresentadas em folhetins para a diversão e entretenimento dos alfabetizados.

Por volta de 1900, as mulheres deixaram de lado estas crinolinas ou as anquinhas¹¹⁷ e apenas utilizariam os espartilhos e vestidos longos, mas a comunicação da roupa como um importante símbolo de condição social ainda era levada em conta. Cabe ainda dizer que a moda mudaria com menor velocidade se comparada com a dos dias atuais e sempre com um certo atraso em relação à Europa, visto que o tempo de assimilação para a elite brasileira seria maior¹¹⁸.

Outro fator a ser observado estaria relacionado aos acessórios que a mulher carregaria nas mãos: de início um leque¹¹⁹, depois uma sombrinha e ao final uma espingarda em paridade com a ausência cada vez maior de roupas. Isso mostraria o poder que elas estariam desenvolvendo ao diminuir a quantidade de tecidos que cobririam o corpo, além do poder que a mulher adquiriria a partir de sua sensualidade para manipular os homens.

¹¹⁶ A crinolina seria uma espécie de armação de aço flexível, aplicada por baixo da saia, geralmente forrada de rendas de modo que a mulher adquiriria a forma de um sino. Vide J. Laver, *op. cit.*, pp. 191-202.

¹¹⁷ A anquinha seria uma armação de aço flexível projetada para trás e reduzida nas laterais, em relação à crinolina. Vide *Ibid.*, pp. 191-202.

¹¹⁸ Somente com o nivelamento nas trocas de informações entre as diferentes classes sociais é que a moda se tornaria um fenômeno coletivo para a sociedade, cf. G. Dorfles, *A moda da moda*, p. 13.

¹¹⁹ Na época do romantismo, o leque seria um importante meio de comunicação entre os amantes durante os bailes.

Vale ressaltar que boa parte das publicações, inclusive sobre moda, era escrita por homens, fato que embasaria a visão machista em detrimento aos ideais femininos. Seria uma forma de condicionar a primeira educação dos filhos, visando à manutenção do “status” social da elite, conceito este corroborado pela possibilidade do ócio que desfrutavam estas mulheres, incentivando-as à leitura de romances e revistas¹²⁰.

E, ao delinear certos traços em comum para o público feminino leitor destas publicações, pode-se dizer que seria constituído por “mulheres educadas, instruídas, freqüentadoras do espaço público das ruas, ávidas por informações sobre as novidades da moda e as vestimentas adequadas às ocasiões¹²¹.”

Com isso, a moda cada vez mais se tornaria fonte de atenções em vários periódicos brasileiros. Tornar-se-ia também fonte de referências para alguns romancistas brasileiros, tais como Machado de Assis e José de Alencar e seria impulsionada pela imprensa dedicada às mulheres. Conforme citado anteriormente, o tema “moda” seria também item estudado em teses médicas e nos manuais de ‘boa sociedade’¹²².

Vale citar um jornal, *A Mãe de Família*, que circulou entre 1879 e 1888, escrito e dirigido por médicos que tentariam divulgar considerações científicas para um público mais amplo.

¹²⁰ M. A. D’Incao, Mulher e família burguesa in M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil*, p. 229.

¹²¹ M. C. T. Rainho, *op. cit.*, p. 86.

¹²² *Ibid.*, p. 67.

Estas revistas estariam ligadas ao comportamento dito 'bom' e condizente com as atitudes de uma 'mulher de família'. Entretanto, elas se tornariam fonte de algumas colocações satíricas: “Para se despir uma mulher, é necessário passar por uma tarefa árdua, comparada à tomada de uma fortaleza¹²³.”

Afrânio Peixoto não deixaria de notar esse fenômeno de expressão coletiva – para uma pequena parcela da sociedade, onde estaria inserido – e teceria críticas para melhorar as condições de uso de tais aparatos. Suas idéias estariam relacionadas principalmente ao clima, fator que embasaria boa parte de suas concepções, pois a elite procuraria utilizar as roupas e a moda das sociedades européias em paridade, inclusive de estações, ou seja, se fosse inverno na Europa, se usariam roupas para a estação de frio sob o calor de 42° no Brasil e, ainda, aludiria ao significado da moda:

“As suposições de que tenha outro alcance não procedem, pois que o pudor ou a moda, invocados como determinantes, influem secundariamente. (...) **A moda interessa menos a quantidade, que a qualidade, senão a forma e o aspecto do vestuário, se é que não procura alcançar exatamente o contrário** (...) Resta o que produziu o vestuário e impede, mesmo aos civilizados, de o

¹²³ Jean Cocteau *apud* C. Seeling, *Moda-O século dos estilistas. 1900-1999*, p. 19.

abandonarem: a necessidade de evitar ou limitar as perdas de calor por irradiação cutânea¹²⁴.”

Em meio a tais citações, os periódicos da época travariam um discurso paralelo, já utilizado desde o século XIX, para atenuar os discursos médicos contrários ao uso de roupas inadequadas ao clima e à fisiologia humana, tais como os espartilhos. De um lado os higienistas e médicos afirmaram em manuais sobre a mortalidade evidenciada devido ao uso inadequado deste acessório:

“Os quatro quintos de jovens de Paris que morrem de moléstia de peito a si o devem, por pretenderem fazer a cintura fina com o colete. Quando se vir uma senhora que padece dores de estômago, com o nariz vermelho, a pele esverdeada, a respiração oprimida e a voz áspera e aguda, nenhuma dúvida pode haver de que ela adquiriu tudo isso pelo costume de se apertar.¹²⁵”

E os jornais de moda e periódicos a rebater esses discursos, procurando atenuá-los para que, assim, as características de moda vindas do continente

¹²⁴ A. Peixoto, *Elemento de higiene*, p. 335. (grifos nossos)

¹²⁵ L. Verardi, *Novo Manual do bom-tom*. 6ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1900, s. p. *apud* M. C. T. Rainho, *op. cit.*, p. 124.

européu não fossem deturpadas e se distanciassem da busca dos costumes para se diferenciarem enquanto elite:

“ E já que tanto tenho falado em espartilhos, dir-vos-ei de passagem que ele é o mais importante objeto para o *toilette* de uma senhora: com um espartilho não há vestido bem talhado que preste, não há elegância que realce. (...) Quando fordes à modista, prová-lo, se depois de atacado, ele, em vez de vos contrafazer e molestar-vos der um certo ajuste ao corpo que vos torne mais ágil e fiquem os vossos movimentos inteiramente livres, aceitai-o, que esse é o melhor espartilho. O arrochamento em tal caso prova o péssimo talho e a pouca habilidade da modista¹²⁶. “

Percebe-se que, cada vez mais a mulher participaria da opinião da família e conseguiria gerar um ambiente digno da elite e, além disso, higiênico, pois dependeria dela o sucesso da casa e a sua presença digna ante a sociedade, mantendo ou aumentando o seu *status*¹²⁷.

¹²⁶ Jornal das Senhoras, ano I, n 43, 24 de outubro de 1852 *apud* M. C. T. Rainho, *op. cit.*, p. 124.

¹²⁷ M. A. D’Incao, Mulher e família burguesa *in* M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil.*, p. 229.

Para os médicos e especialmente os higienistas dos anos entre 1840 e 1860, entretanto, o uso de espartilhos receberia um enfoque maior enquanto uma das modas criticadas:

“Alguma coisa diremos acerca dos males que podem provir do vestuário ao desenvolvimento da puberdade; (...) que se torture em espartilhos ou coletes guarnecidos de barbatanas, e algumas vezes de lâminas de ferro, somente para apresentar um corpo esbelto e uma cintura fina, alheia à verdadeira, nada é mais ridículo e digno de lástima! Mas é tão poderoso sobre elas o ascendente da moda que, apesar dos mais sábios conselhos, não podem corrigir-se, mesmo à vista dos mais funestos exemplos¹²⁸.”

Logo, a informação desenvolvida e aplicada pelos periódicos a esta elite seria desenvolvida com a intenção de gerar dúvidas e manter interesses comerciais para os seus anunciantes, pois, em particular as revistas, conseguiriam ganhar destaque na opinião pública através de anúncios.¹²⁹ E, isso vem corroborar o pensamento dito científico relacionado ao uso do vestuário:

¹²⁸ A. P. Teixeira, Dissertação sobre a puberdade em geral, s. p. *apud* M. C. T. Rainho, *op. cit.*, p. 123.

¹²⁹ M. M. de Lopez, “Forte e bonito como o barão ciência e propaganda no Brasil, início do século XX”, p. 56.

artigos que circulariam entre a elite brasileira e que Afrânio Peixoto teria acesso quando foi estudante de medicina na Bahia.

Entretanto, quantificar a difusão da imprensa e influência destas revistas na formação do imaginário do leitor pertencente às elites torna-se um trabalho de difícil medição, pois os periódicos da época não trariam informações sobre circulação e tiragem¹³⁰. Contudo, em relação à revista *Fon Fon!*, se encontra a alusão à quantidade de leitores, 111.000, na edição, de nr. 41, de 12/10/1912 durante a apresentação para a inserção de uma nova seção sobre adolescentes.

Ao aludir às campanhas publicitárias da época, pode-se perceber a presença de propagandas sobre a venda de espartilhos em todos os números destas revistas, sempre entre as dez primeiras páginas no período estudado, entre 1912 e 1913, lembrando que um dos enfoques deste semanário seria o grupo de mulheres da elite, que seria tratado como uma das novas camadas urbanas¹³¹.

Os espartilhos desta época seriam tratados como coletes modernos quando não possuíssem barbatanas ou armações de ferro, entretanto, haveria ainda a comercialização daqueles constituídos por espinhas de peixe cobertos por um *cache-corset*, além de um longo contraforte metálico que incomodaria principalmente as virilhas e faria com que as mulheres caminhassem curvadas para a frente.

¹³⁰ Optou-se por realizar o levantamento das revistas deste período para entender o comportamento da sociedade da época e também por ser o período anterior e próximo às publicações das obras estudadas de Afrânio Peixoto

¹³¹ M. M. de Lopez, “Forte e bonito como o barão ciência e propaganda no Brasil, início do século XX”, p. 60.

A exemplo dos franceses, seria nesta época que os fabricantes de espartilhos começariam a recorrer a argumentos novos, aludindo inclusive à questão da elegância, para se defenderem. Alusões ao benefício saudável e favorecedor da anatomia estariam presentes em alguns deles, além da questão relacionada à qualidade dos produtos importados conforme apresentados nas figuras 04 e 05. Na França, do final do século XIX, assim como no Brasil do início do século XX, o espartilho intensificaria a divulgação sobre os sobressaltos de um aparato e receberia ataques médicos contra o seu uso em contraposição aos anúncios que declarariam serem ‘cientificamente desenvolvidos’, com ‘curvaturas que não prendem a circulação’, ‘higiênicos e saudáveis’¹³².

¹³² B. Fontanel, *Sutiãs e espartilhos*, p. 80.



Corset Kadol

Os mais elegantes e confortáveis

AU GRAND PALAIS

Participa á sua numerosa clientela que já retirou da Alfandega a nova remessa dos elegantes COLLETES da afamada colleteira franceza Mme. KADOL de Pariz.

Ás nossas gentis clientes que se anteciparam com suas encomendas, participamos, acharem-se as mesmas á disposição.

TABELLA DE PREÇOS

Serie A	29.500
Serie B	36.000
Serie C	45.000

Unicos depositarios: 110, RUA SETE DE SETEMBRO, 110

Figura 04: Anúncio para os corpetes, ou espartilhos Kadol. Revista Fon Fon! de 27/01/1912, ano V, nr. 4, p. 52. Nota-se o argumento da retirada da alfândega, valorizando o produto importado, além da postura da mulher, curvada para a frente.

O espartilho apresentado na figura 04, denotaria informações sobre o acabamento da peça, tais como brocados de brim, flores tipo *chantily* e fitas engomadas de cetim em passadores.¹³³ Sobre estas vestes, Afrânio Peixoto descreveria o que conferiria à mulher usuária, tanto em termos da saúde, quanto em termos sociais. Retomando as já citadas palavras do autor:

“(…) uma deformação do busto humano, apertado ao meio, em ampulheta, e esvasado para cima e para baixo. Tem a vantagem de endireitar o busto, disciplinar a atitude, sustentar os seios e os tornar convergentes para a linha média. Mas os inconvenientes sobram¹³⁴.”

Mesmo para os estudiosos da época, tal aparato seria fonte de discussão e controvérsia, visto que o padrão estético e as atitudes da mulher perante a sociedade seriam mais contidos e lânguidos devido ao uso do espartilho. A resposta que surgiria enfatizaria que o espartilho moderno seria ainda inadequado às condições de saúde sugeridas pelos higienistas.

¹³³ *Ibid.*, p. 81.

¹³⁴ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, p. 346.

OS COLLETES J.P.J. - OS MAIS CHICS!
 Encontram-se em todas as boas casas de FAZENDAS, MODAS E APMARINHO.
 Toda a senhora elegante e de bom gosto VESTE COLLETE J.P.J.
 VERIFIQUEM A MARCA REGISTRADA IMPRESSA NO COLLETE.

Premiada na Exposição Nacional de 1908

BELLAS CHICS e SADIAS
 as SENHORAS conservam-se usando os elegantes e hygienicos **COLLETES J.P.J.**
 Ultimos Modellos:
AMERICANO LUZITANO
J.P.J. 10 e J.P.J. 11

AMERICANO MARCA REGISTRADA J.P.J.

Figura 05: Anúncio de espartilhos para a casa J.P.J., revista *Fon Fon!* de 12/10/1912, Ano V, nr 41, p. 11. Notam-se os termos *bella*, *chic* e *sadia*, além de *elegantes* e *hygiênicos* indicando a busca pela atenuação do discurso sanitaria da época.

Caberia à usuária, com isso, decidir sobre a sua elegância ou a saúde. O discurso sobre a elegância feminina estaria presente nas campanhas, como nas figuras 04 e 05, para evidenciar a imagem espetacular da mulher, o que geraria, de um lado, o fetichismo do produto e, de outro, a “coisificação” da sexualidade através da visibilidade cada vez maior da mulher¹³⁵.

Com o decorrer das edições, percebe-se a preocupação em elucidar que o uso deste aparato de moda não feriria a saúde da mulher de modo que a penetração do discurso higienista começaria a receber seguidores. Na França, surgiria o trabalho de um estilista em 1908, Paul Poiret, que proporia o abandono e a liberação da mulher em relação ao espartilho e conseguiria atingir parte da sociedade francesa. Contudo, tal proposta não seria absorvida pela elite brasileira entre o período estudado para esta dissertação (1912 a 1914)¹³⁶.

Portanto, apesar da empreitada contra tal aparato, continuariam a ser usados ainda na Europa e conseqüentemente no Brasil até o início da primeira guerra mundial, pouco antes das mulheres européias serem recrutadas para trabalhar em fábricas, numa época em que os homens estariam na frente de batalha. Desse modo, as mulheres, que passariam a cultivar a terra, a trabalhar na construção civil e nas fábricas de munições, a atuar como condutoras de transportes públicos e até mesmo como gestoras de empresas¹³⁷, deixariam gradativamente de usar os espartilhos, pois os seus movimentos seriam tolhidos em tais atividades.

¹³⁵ C. Evans, O espetáculo encantado, *Fashion Theory A revista da moda, corpo e cultura*, 1 (2), p. 32.

¹³⁶ Conforme observado nas edições posteriores à publicação da obra *Elementos de higiene e Noções de higiene* de Afrânio Peixoto, e, para maiores informações, ver J. Braga, *História da Moda: uma narrativa*, pp. 71-2.

¹³⁷ C. Seeling, *op. cit.*, p. 59.

Em 12/07/1913 seria criada a primeira seção oficial para moda na revista *Fon Fon!* e o artigo inicial seria exatamente sobre o uso dos espartilhos, texto que remeteria ao surgimento do termo colete moderno. Essa seção prossegue enaltecendo a importância de tal colete para manter a forma da mulher. Assim, o corpo gracioso da mulher deveria ser confeccionado por especialistas que tivessem conhecimentos de anatomia do corpo para oferecer uma linha longa, sem contornos salientes, justeza e flexibilidade de tal modo que toda mulher espartilhada ganharia em graciosidade em relação às demais. Apesar de ser uma coluna da revista, há referências à Casa Nascimento para a escolha do espartilho ideal, conforme ressalta-se no final do editorial (figura 06). A descrição para os vestidos não ultrapassaria mero detalhamento sobre os tecidos usados, além da referência ao bom gosto e elegância da mulher durante eventos sociais.

CHRONICA DAS MODAS

Fon-Fon sendo uma revista muito lida e apreciada pelas gentilíssimas patricias, não prescindia de uma secção de actualidades femininas e mundanas, que tratasse exclusivamente de Modas.

E' o que he'je faz creando esta pagina. Aqui discutiremos as predilecções do feminino e as tendências da moda presente dentro da arte de vestir uma mulher de trajos harmoniosos e elegantes, fazendo resaltar o valor de suas linhas puras e sobresahir a *allure* encantadora da graça.



Collete da Casa Nascimento. Modelo *Le Réve véritable baleine*, en soie broché.

Numa palavra, que a belleza da mulher resplandeça sempre, é a nossa preocupação. E para isso não é mister sinão que sejam os costumes de grande simplicidade: em muselines virginaes, tules de seda, *voiles* vaporosas e indiscretas que se amoldam ás formas maravilhanes do corpo. Costumes para passeio e baile em crepe de seda, de uma admiravel fantasia oriental no colorido, vestidos de *lingerie* em *linon flaconné* de enfeites, vestidos muito simples, em *liberty* branco ou rosa, com golas de tulle, todas estas *toilettes*, em summa, dão uma nota de alta elegancia.

Os colletes — não são mais instrumentos de supplicio chinês que comprimiam e magoavam as formas. Transformou-se radicalmente este poderoso auxiliar da linha, o collete. Os colletes modernos fazem com que o corpo conserve toda a sua graça e toda a estrutura natural, sem compressões, livremente, guardendo na mulher a elegancia e a pureza perfeita das linhas.

O espartilho ou collete, recommendavel para as matronas, senhoritas e, mesmo meninas, deve ter

as devidas proporções e ser confeccionado por quem conheça a anatomia do corpo, e unico, nesse caso, capaz de o fazer sem prejuizo para a saude e a esthetica feminina.

A moda requer hoje, nos colletes, uma linha longa, sem contornos salientes, justeza e flexibilidade. Ha modelos completamente ineditos, em malha de seda ou *coton*, sem varetas adeante e sem atacadores de lado, prendendo-se sobre os quadris, conservando uma linha admiravel.

A ausencia total de barbatanas, quando se ajusta cerce ao talhe, o tornam invisivel sob a saia de seda, a mais ligeira e transparente. O collete com atacadores e armação de aço adeante, do mesmo corte, convém ás senhoras que se vistam sós, sem auxilio de outra pessoa. Elle conserva a mesma leveza e elegancia, realiza tudo quanto a mulher pôde desejar em espartilhamento, sem ma-raes. Enlaçam o corpo e o transformam, dando-lhe uma linha nova, mantendo-o firme, sem prejudicar a liberdade de movimentos, para as que queiram ostentar essa silhueta moderna, flexivel, a *allure* do grande chic. As linhas bem distinctas offerecem a toda mulher uma silhueta admiravel á *la Drion*, mais graciosa no andar daquellas que tenham o corpo livre nos colletes.

Toda a mulher mal espartilhada perde em graça e elegancia. Poderão andar e dansar com ligeireza e em lindas ondulações, usando um bom collete.

Os colletes da *Casa Nascimento* conservam precisamente livres todos os movimentos naturais das senhoras; é o que ha de mais chic e commodo. Conciliam o capricho do dia, que é a

linha longa e pura, com a mais perfeita distincção. Estes colletes, modelo *Le Réve*, em seda bordada, se amoldam ás exigencias da coquetterie, lindamente, e são o segredo da linha nova das parisienses.



Collete da Casa Nascimento. Modelo *Le Réve véritable baleine*, en soie broché.

Lygia.

Figura 06: Primeira seção direcionada à moda para mulheres na revista *Fon Fon!* de 12/07/1913, Ano VI, nr 28, p. 43. Nota-se que não há referências às formas de vestidos ideais para o uso em ocasiões diversas, mas sim citações sobre os tecidos ideias e como usar um espartilho para que não aparecesse debaixo da roupa.

Outro artefato que percebemos em anúncios da revista são os apliques de cabeça, espécies de perucas feitas de cabelos naturais que seriam utilizados por baixo dos chapéus. Afrânio Peixoto, assim como os demais sanitaristas da época que faziam alusão à moda, não fazia referências a tal artefato de beleza. O ideal para a mulher da época seria ter os cabelos no comprimento da sua altura – arrastando pelo chão - porém não poderia aparecer em público com os fios soltos, símbolo de desleixo, além de vulgaridade, pois apenas seus maridos poderiam contemplá-las na intimidade do quarto em tamanha liberdade¹³⁸.

Na figura 07 há o anúncio da Casa ‘A Noiva’, que apresenta o que seria prática comum entre as mulheres pertencentes à elite que buscava em referências ainda da época do romantismo os cabelos longos e volumosos¹³⁹, e que não o teria em tamanha proporção necessária. Estes apliques, ou perucas, seriam confeccionados com cabelos naturais para aquelas desprovidas de mechas que alcançassem a proposta ideal segundo a moda. Munindo-se de tais aparatos, os cabelos seriam presos em coques, conferindo à cabeça feminina grandes volumes.

¹³⁸ F. Baudot, *A beleza do século*, pp. 80 -100.

¹³⁹ *Ibid.*, pp. 80-100.

Logo acima destes apliques, junto aos cabelos, transformados em coque, seriam colocados amplos chapéus presos por grampos de ouro e pedrarias para a sustentação. Estes chapéus seriam adornados com guarnições constituídas da aplicação de plumas de avestruz, um material caro tanto para a sociedade européia quanto para a sociedade brasileira, ou com flores.¹⁴⁰ Durante o dia, as mulheres usariam estes chapéus imensos com véus a prendê-los e, à noite, somente uma nuvem de pó dourado sobre os cabelos¹⁴¹. Como este tipo de artifício seria um tanto o quanto pesado, os colarinhos dos vestidos para dia seriam munidos de barbatanas para ajudar na sustentação da cabeça¹⁴².

Afrânio Peixoto criticaria principalmente os chapéus de copa alta, mas não deixaria de lado os outros modelos, ao ressaltar a falta de praticidade de um chapéu sem abas, ou sem furos para a circulação de ar:

“A cabeça é resguardada contra a imperie pelo chapéu, capacete, boné, gorra...de feitio variado e de composição muito diversa. (...) O chapéu alto, civilizado, além de desgracioso e caro, tem inconveniente de não proteger bem a cabeça: no verão ao sol, a temperatura interna pode atinjr 42° a 46°. (...) [e propõe uma solução:] O chapéu de palha

¹⁴⁰ M. R. Moutinho & M. T. Valença, *op. cit.*, p.35. Apenas para contribuir para a visualização do tamanho destes chapéus, na França da época seria fundada pela Condessa Greffuhle a *Ligue des Petits Chapeaux*, para que nos teatros pudessem ver os espetáculos.

¹⁴¹ Para visualizar a moda proposta para as festas, olhar apêndice 01 ao final do trabalho.

¹⁴² M. R. Moutinho & M. T. Valença, *op. cit.*, p.34.

e o capacete de cortiça satisfazem a esses requisitos, sendo leves e pouco custosos¹⁴³.”

Ao se observar as figuras 08 e 11, se nota a presença de tais acessórios, adornados e altos, conforme descritos pelo autor.

¹⁴³ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, p. 345.



Merece bem ser visto o sortimento encantador de chapéus para senhoras, que recebeu a « Casa Raunier », ha poucos dias.
Dos mais simples aos mais bellos e ricos modelos, são elles confeccionados indistinctamente com arte e gosto bem pouco communs.
O que porém é extraordinario e absolutamente os torna preferidos, são os seus preços, cuja modicidade bem demonstra como se esforça o nosso mais importante estabelecimento de modas, afim de proporcionar á nossa sociedade as mais bellas novidades por preços os mais convenientes.

(Transcripto da A Noticia).

Figura 08: Anúncio para a Casa Raunier na revista Fon Fon! de 25/06/1913, ano VI, nr 25, p. 10. Os chapéus apresentados recebem apliques de plumas e penas, indicados para serem usados durante o dia.

Os anúncios que selecionamos para analisar estão presentes neste trabalho e constituem fontes de referência, pois influenciariam a maneira de pensar do comportamento do novo cidadão, influenciando-o e incitando-o ao consumo de novos produtos ou à manutenção de hábitos, devido a sua popularidade entre os leitores e à conotação de seriedade e cientificidade de seus meios de produção, ao atestar a eficácia de um produto ou a idoneidade de um estabelecimento¹⁴⁴.

Ao dirigir a atenção à figura 09, percebe-se o modelo de cintura marcada, os sapatos de saltos altos e a postura corporal da mulher que, provavelmente, estaria com um espartilho sob as suas vestes. O vestido apresenta formas de um traje para a noite, pois há a presença do decote e do tecido brocado, além da ausência do chapéu, que, conforme já mencionado, seria usado para o dia¹⁴⁵.

¹⁴⁴ M. M. de Lopez, “Forte e bonito como o barão ciência e propaganda no Brasil, início do século XX”, pp. 63-4.

¹⁴⁵ M. R. Moutinho & M. T. Valença, *op. cit.*, pp. 32-3.



Figura 09: Anúncio para o sabão Aristolino na revista Fon Fon! de 06/01/1912, ano V, nr. 1, p. 52. A roupa apresenta a forma do corpo que estaria em moda na época, além de perceberem-se as botas de cano longo.

A moda para as mulheres da época ditava o uso de pequenas jaquetas, profusão de colares e, conforme vem sido delineado neste trabalho, denotaria as fontes da elite que buscava a diferenciação social e sexual, observando-se que a moda seguida pela elite estaria ligada ao luxo presente nos produtos importados e representado nas mulheres. Haveria naquela época, assim como na Europa, roupas para a manhã – diferentes dos vestidos para casa, compras ou visitas – para a tarde, para fazer visitas ou caminhar pela rua e para as noites. Ao observar e imitar os costumes europeus, a sociedade brasileira superaria a sua rusticidade por meio das roupas¹⁴⁶.

Ao observar-se a figura 10, a presença do chapéu não é dominante, denotando uma provável rebeldia ante os padrões impostos pela moda, entretanto, os comprimentos dos vestidos, assim como a silhueta e a riqueza em bordados e detalhes se fazem presentes.

¹⁴⁶ K. Castilho, “Do corpo presente à ausência do corpo: moda e marketing”, p.13.



Figura 10: Fotografia tirada no sábado em razão de um passeio na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, para a revista Fon Fon! em 20/01/1912, ano V, nr 3, p. 40. Época de verão intenso, as mulheres caminhariam com vestidos pesados e botinas pelas ruas, conforme o costume europeu. Apenas a mulher da esquerda aparece com chapéu, enquanto as outras apresentam coques e apliques na cabeça.

Ainda na figura 10, retrato de um passeio da elite carioca pela Rua do Ouvidor, percebem-se as mangas dos vestidos semelhantes a pernas de cordeiro, por isso, costumeiramente na França eram chamadas de “mangas de *gigot*”, - abalonadas nos ombros e afunilando-se nos cotovelos, ponto a partir do qual seriam justas até o começo dos dedos¹⁴⁷.

Conforme se observa na imagem, ao levantar a saia para caminhar, percebemos um calçado a surgir, geralmente seria bicudo e apresentando o salto médio ou baixo em estilo barroco.

O que se usaria na época seria as botinhas fechadas com cadarços, fabricadas artesanalmente: bicudas, enfeitadas com laços e fivelas, com saltos altos ou baixos, com meias de lã ou seda adornadas de renda. Somente as atrizes utilizariam sapatos com cores vibrantes e saltos altíssimos¹⁴⁸. Sobre os calçados, Afrânio Peixoto ressaltaria em sua obra que:

“Aos pés destinam-se as meias, de tecido de malha, lã, algodão ou seda, mais ou menos finos, adequados à forma que revestem, e o calçado propriamente feito de couro, e excepcionalmente de pano. (...) A disposição e forma do calçado é que dão lugar aos reparos higienicos.

Deram –lhe disposição e forma, muito diversa da que solicitam os pés a calçar. Fizeram-no simétrico, (...)

¹⁴⁷ Cf. C. Seeling, *op. cit.*, p. 19, as senhoras ‘chiques’ mantinham-se tanto quanto possível tapadas, de preferência das orelhas às pontas dos pés.

¹⁴⁸ M. R. Moutinho & M. T. Valença, *op. cit.*, p.36.

Haverá, pois, vários tipos de calçado racional. (...) [saltos altos] obrigando a atitude e a marcha de busto inclinado para frente e ancas para trás, para conseguir estabilidade. É o que ocorre com o calçado das mulheres civilizadas em que o salto alto e o colete obrigam a prodílios de equilíbrio e estética¹⁴⁹.”

Para Afrânio Peixoto, o maior problema estaria na simetria dos calçados que não acompanhavam as curvaturas dos pés e as alturas: não deveriam ser muito altos e nem rasteiros por causarem problemas à coluna. O fato de que os sapatos seriam feitos em couro, diz o autor, não constituiria problemas para a saúde, mesmo porque protegeria de contatos grosseiros e traumatismos. Prossegue o autor a descrever o que seria o calçado ideal: “(...) o calçado racional seria de ponta quadrada, bordo interno côncavo para dentro, em forma de feijão, de hilo voltado para dentro¹⁵⁰.”

Nota-se nas imagens 09 e 10 também a busca da mulher para adequar-se ao padrão estético da moda vigente naquela época, que estaria ligada a uma pele translúcida e delicada com uma cintura afunilada. Todavia “a mulher deveria apresentar um ar inocente e natural para ser escolhida pelos homens como esposa”¹⁵¹, ou seja, quanto mais frágil e indefesa a mulher parecesse, mais atrativa seria para o olhar masculino.

¹⁴⁹ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, pp. 348-9.

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 347-8.

¹⁵¹ C. Seeling, *op. cit.*, p. 46.



Figura 11: Retrato tirado para a revista Fon Fon! de 27/01/1912, ano V, nr 4, p. 27. Fotografia da entrada da Igreja da Candelária em dia de missa para as vítimas do bombardeio da Bahia, sendo que a mulher retratada seria esposa de Ruy Barbosa.

Ao observar a figura 12, nota-se que a moda não sofreria grandes mudanças entre o final do século XIX e início do século XX. Em detrimento do discurso higienista da época, as mulheres continuariam a seguir seus padrões e a adaptá-los à sua rotina. Afrânio Peixoto escreveria seu capítulo sobre o vestuário e faria referências precisas à moda, devido à questão dela não ser volátil, até mesmo para poder elucidar sobre seus malefícios. Na figura 12, alusiva a evolução da moda no Brasil, apresentaria todas as formas de se vestir para a mulher da elite brasileira daquela época: saias compridas, amplas, com cinturas bem marcadas, cabelos longos.

Parte da vestimenta não notada nestas imagens, a qual Afrânio Peixoto faz referências, estaria por baixo dos vestidos e coletes ou espartilhos: as camisas de algodão, linho ou lã, diretamente colocadas sobre a pele, de fácil lavagem que não impossibilitariam à mulher os seus movimentos, caso fossem usadas unicamente¹⁵².

¹⁵² A. Peixoto, *Elementos de higiene*, p. 345.



Figura 12: Anuncio do *Creme Simon*, revista *Fon Fon!* de 02/03/1912, ano V, nr 9, p. 49. Nota-se que poucas mudanças ocorrem no que diz respeito às formas das silhuetas conferidas pela moda, assim como a quantidade de tecidos utilizada.

Quanto aos tecidos utilizados na confecção dos vestidos, estariam envolvidos: o *surah*, o *faille*, o *chamalote*, o *tafetá*, o *merino*¹⁵³, o *lamé*, os *jacquards*, o *cetim* e a *seda*¹⁵⁴, todos bordados com motivos ingleses, principalmente. Conforme a figura 06, haveria a orientação de usar vestidos de “grande simplicidade em musselines virginaes, tules de seda, voiales vaporosas e indiscretas que se amoldam às formas maravilhantes do corpo¹⁵⁵”.

Relacionados diretamente ao clima, o tecido ou a fibra, para Afrânio Peixoto, seriam pontos cruciais a serem observados para a respirabilidade da pele e a saúde do ser humano:

“A permeabilidade ao ar convem aos tecidos pelas necessidades da perspiração cutânea: vapor d’agua e gaz carbônico eliminam-se constantemente pela pele, oxijeno é em pequena porção por ela absorvido, e sem a permeabilidade dos tecidos as trocas gazosas seriam impedidas, alem da condensação nociva do vapor d’agua.¹⁵⁶”

Para Afrânio Peixoto, um dos fatores a observar para a saúde e o bem-estar do ser humano estaria ligado ao material têxtil ideal para determinada região do país. Em resposta à questão do clima, a moda ofereceria o uso das

¹⁵³ S. Gontijo, *80 anos de moda no Brasil*, pp. 10-1.

¹⁵⁴ A. Municchi, *Ladies in Furs-1900-1940*, p. 42.

¹⁵⁵ A crônica da Moda, *Fon Fon!* 12/07/1913, p. 4.

¹⁵⁶ A. Peixoto, *Elementos de hijiene*, p. 340.

sombrinhas, obrigatórias para os passeios pelo dia, que, além de manterem a pele branca de suas usuárias, as refrescariam quando possível¹⁵⁷.

No que concerne aos estilistas franceses e a sua moda, pode-se dizer que procuravam desenvolver na mulher silhuetas alongadas e altivas - tão criticadas por Afrânio Peixoto - e acreditavam que o corpo feminino deveria ser apertado e enchumado para corresponder à idéia de uma ampulheta: “docemente frágil na cintura, exuberante em cima e embaixo”¹⁵⁸, lembrando que seria principalmente deste país que vinham os figurinos, ditando o que fazer e o que vestir. Naquela época produzia-se o efeito de ora estreitar, ora alargar os quadris, e a partir do momento em que os chapéus se tornaram maiores, os quadris pareceriam mais estreitos¹⁵⁹.

¹⁵⁷ M. R. Moutinho & M. T. Valença, *op. cit.*, p. 37.

¹⁵⁸ C. Seeling, *op. cit.*, p. 19.

¹⁵⁹ J. Laver, *op. cit.*, p. 222. Alusão ao vestuário utilizado em 1908 que influenciaria a elite brasileira em 1912 e 1913.



Figura 13: Retrato tirado durante a inauguração da Escola de Agricultura para a revista Fon Fon! de 27/04/1912, ano V, nr 17, p. 19. O grupo de convidados que se vê seriam apanhados na Estação de Pinheiros e levados para o anexo ao posto de Zootecnia Federal de Pinheiro, no Estado do Rio de Janeiro.

Para Afrânio Peixoto, os fatores para a escolha da melhor fibra e tecido estariam ligados ao clima da região. Além disso, as cores das roupas deveriam ser adaptadas à estação, pois, segundo os estudos da época, aos quais alude, o branco possuiria certas características diferentes do preto no que diz respeito à condução de luz do sol:

“Côr – Sabe-se pelos ensinamentos da física que o branco é a côr que mais permite a irradiação do calor e que o negro é a que mais absorve; entre estes extremos da mistura de todas as côres e da privação delas, poder-se-iam estabelecer duas colunas inversas, indicando as propriedades das varias côres e dos tecidos tintos por elas¹⁶⁰.”

A partir destas duas informações, relacionadas às fibras e às cores, Afrânio Peixoto faria alusão ao uniforme do exercito japonês que utilizaria a cor caqui e ressaltaria as qualidades do linho principalmente. Para ele, o vestuário ideal respeitaria as necessidades do corpo frente ao clima, a quantidade de raios solares recebidos, atividades exercidas, entre outros fatores. Com essas concepções divulgadas e ouvidas pela elite, a tendência da cópia ocorreria pelas classes inferiores e melhoraria a qualidade de trabalho do brasileiro e conseqüentemente a economia do país¹⁶¹.

¹⁶⁰ A. Peixoto, *Elementos de hijiene*, p. 342.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 344.

Acredita-se que a figura 14 representaria o ideal em relação à vestimenta para a brasileira: chapéus de palha, espartilhos não apertados, cingindo a cintura, vestes mais leves e de cores mais suaves, adaptáveis ao clima brasileiro.

Afrânio Peixoto diria que a decisão sobre a melhor vestimenta a ser usada estaria ligada aos fatores presentes na região e que isso estaria ligado a fatores como durabilidade e facilidade de asseio. Prosseguiria ainda a afirmar que: “As vestimentas adequadas a cada região do corpo e apropriadas a várias condições da vida não podem ser reunidas em fórmulas gerais: melhor vale pormenorizar.”¹⁶²

A citação acima vem confirmar a direção para a qual estaria voltada a publicação: quando Afrânio Peixoto faz alusões a chapéus, por exemplo, pode-se afirmar que somente a elite utilizaria tal aparato, assim como os espartilhos ou coletes modernos.

¹⁶² *Ibid.*, p. 344.



Figura 14: Retrato para a revista *Fon Fon!* de 21/06/1913 ano VI, nr. 25, p. 34, as mulheres estariam com roupas para passeio no campo, que se aproximariam ao discurso do que seria ideal para Afrânio Peixoto.

Na época do nascimento de Afrânio Peixoto, já haveria estudos a discursar sobre as mesmas idéias relacionadas à moda e suas imposições, em teses de doutoramento:

“Faz pasmar como quase toda a sociedade civilizada se deixa escravizar por esta tirana despótica, privando-se muitas vezes do necessário à vida, com ruína das casas, e até da saúde das pessoas, que lhe obedecem; sem que haja motivo algum razoável, que nem ao menos possa desculpar tão servil obediência¹⁶³.”

Haveria, com isso, discursos que ora se contrapunham e ora seriam deturpados, principalmente pelas revistas e jornais que continham seções para moda, visando à educação de mulheres que participariam da formação da opinião pública, ao aceitar tais concepções. Neste sentido, caberia à mulher cuidar da imagem pública da família embora a autoridade familiar se mantivesse nas mãos do pai ou marido, cabendo a ela cuidar para que mantivessem sua posição social¹⁶⁴.

¹⁶³ D. João Maria Pereira d’Amaral e Pimentel, A ciência da civilização – curso elementar completo de educação superior, religiosa, individual e social, s. p. *apud* M. C. T. Rainho, *op. cit.*, p. 122.

¹⁶⁴ M. A. D’Incao, Mulher e família burguesa, *in* M. Del Priore, *História das mulheres no Brasil*, p. 230.

FON-FON! NO MAR



Grupo especialmente posado para *Fon-Fon!* a bordo de um dos mais lindos transatlânticos aportados no Rio Janeiro, vendo-se (da esquerda para a direita) Madame Consul Hölck, senhoritas Astrea Palm, Bébé Godin

Figura 15: retrato tirado para a revista Fon Fon! de 26/10/1912 para a coluna Fon Fon! no mar, nota-se a similitude na vestimenta das mulheres a bordo do transatlântico: chapéus enormes, saias no mesmo comprimento, sapatos de salto alto e tecidos como o lamé e o cetim.

Informar e descrever as roupas, além de elucidar a vida social destas mulheres, seria uma das maneiras de orientar a leitora *Fon Fon!* para adequar-se aos novos padrões da sociedade relacionados à moda. Outra forma de conduzir a mentalidade dessas mulheres seria apresentando-lhes atrizes internacionais, participantes de grupos teatrais:

“As atrizes eram os modelos desta época e o local de exposição da alta costura era o teatro, onde se exibia tirando partido de uma melhor iluminação. Esta iluminação abrangia não só o palco como os camarotes.¹⁶⁵”

Seguindo o exemplo da sociedade francesa, atrizes como Sarah Bernard e Colette que lá estariam em voga e conduziriam a opinião feminina no que diz respeito à moda para mulheres, a revista *Fon Fon!* apresentaria seções relacionadas às companhias teatrais e artistas em destaque na sociedade brasileira (figura 16).

¹⁶⁵ C. Seeling, *op. cit.*, p. 49.

COMPANHIA THEATRICAL
 THEATRO MUNICIPAL
 Empresa FAUSTINO DA ROSA - Temporada LUCIEN GUITRY



Mr. Lucien Guitry



Mlle. Jeanne Desclos



Mlle. Jeanne Provost



Mme. Emillene Dux

Figura 16: Anúncio de Companhia teatral para a revista Fon Fon! de 08/06/1912, ano V, nr. 23, p. 54. Nota-se o tratamento utilizado para as atrizes de *madame* ou *mademoiselle*.

Do ponto de vista da silhueta, a *Belle Époque* apresentaria formas como a mulher-flor, liana, esbelta e elegante, que não poupava esforços para manter-se bela, com o uso dos espartilhos, estrangulando-lhes a cintura, e do reforço através de ornamentos postiços.¹⁶⁶ Outro fator a ser considerado seria a diferença existente entre o vestuário para noite e o vestuário para o dia: o trabalho apresentado descreveu basicamente os hábitos para dia até então, cabendo uma breve inserção sobre a roupa para a noite, que apresentaria decotes, ausência de chapéus, ombros à mostra e tecidos mais leves, conforme figura 17, fator este que, provavelmente, levaria Afrânio Peixoto a observar os hábitos diurnos das mulheres.

¹⁶⁶ F. Baudot, *op. cit.*, p. 84.

NOTAS MUNDANAS - Enlace Fontainha-Marques



Grupo tirado apóz a cerimonia civil, vendo-se os noivos : Dr. Junqueira Freire Fontainha e senhorita Hilda Vieira Marques

Figura 17: Retrato de casamento ocorrido na semana anterior a publicação da revista *Fon Fon!*, ano V, nr. 32, p.41 em 10/08/1912. Os decotes seriam fator de diferenciação entre um vestido de noite para um vestido de dia. A ausência dos chapéus e a presença de coques enfeitados com plumas seria outro fator notório.

Conforme vem sendo apresentado, haveria duas vertentes que conduziriam a opinião pública: de um lado, os higienistas, entre eles Afrânio Peixoto, e, de outro, os fabricantes de produtos de moda e os periódicos que os apoiavam. A discussão entre eles visaria à educação destas mulheres que seriam responsáveis, enquanto mães ou futuras mães em educar a sociedade para alcançar maior longevidade e qualidade de vida.

Os pontos de conflito e de confluência entre os registros visuais do vestuário e da moda entre 1912 e 13 e as idéias de Afrânio Peixoto sobre a higiene, vestuário e moda veiculados em seu manual *Elementos de higiene*, mostram um diálogo complexo.

A Higiene, bem como a importação de costumes e de moda apontavam para a busca de progresso da sociedade brasileira, embora por enfoques diferentes.

Mas, a divulgação dos preceitos higiênicos mostrou-se como pilar das atividades de Afrânio Peixoto, o qual sempre defendeu, mesmo consciente das adversidades, como fica claro na citação que selecionamos para finalizar este trabalho, o qual também encerra os *Elementos de higiene* de Afrânio Peixoto:

“É de lastimar, num país novo e numa era em que tanto se confia justamente da higiene que a disciplina esteja apenas restrita às Faculdades de Medicina, nas quais não pode mesmo pretender a

preexcelencia, que vai tendo em toda a parte do mundo¹⁶⁷.”

¹⁶⁷ A. Peixoto, *Elementos de higiene*, p. 662.

Conclusão

O presente trabalho procurou apresentar as interfaces do movimento higienista brasileiro e as idéias presentes na sociedade brasileira do início do século XX.

Ao abordar o assunto moda e relacioná-lo aos estudos do movimento sanitarista no país, buscou-se entender as conexões existentes entre assuntos que, *a priori* pareceriam divergentes. Além disso, buscou-se abrir caminhos para novas conexões e estudos relacionados ao tema abordado.

Entender o comportamento de consumo de moda e as idéias de Afrânio Peixoto indicou ao final deste trabalho as possíveis relações entre a publicidade e a linguagem médica da época, a importância do papel da mulher nos âmbitos familiar e social, assim como a valorização dos costumes europeus em contraposição aos hábitos brasileiros.

A partir deste estudo, há vertentes a serem observadas, tais como a recepção das informações disseminadas na elite brasileira pelas classes populares, enfoque que seria tangenciado por Afrânio Peixoto e um de seus objetivos finais.

BIBLIOGRAFIA

- ALFONSO-GOLDFARB, A M. *O que é História da Ciência*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BAUDOT, F. *A moda do século*. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2000.
- BELTRAN, M. H. R. *Imagens de magia e ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão*. São Paulo, Educ/Fapesp, 2000.
- BIBLIOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Um século de cultura sanitarista*. São Paulo, [s.ed.], 1923.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. Trad. brasileira de R. A. Machado. Rio de Janeiro, Graal, 1989.
- BRAGA NETO, J. 'Da lei do contraste simultâneo das cores de Michel-Eugène Chevreul às criações de Sonia Delaunay em arte e moda'. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.
- _____. *História da moda: uma narrativa*. São Paulo, Ed. Anhembi Morumbi, 2004.
- CABRAL, M. H. História e Medicina: a herança arcaica de um paradigma. *História, Ciência e Saúde- Manguinhos*, 6 (3, nov.-fev. 1999-2000): 551-75.
- CASTAÑEDA, L. A. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Episteme*, 5 (1998): 23-48.
- _____. Eugenia e casamento. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, 10 (3, set.-dez. 2003): 901-31.

- CASTILHO, K. & D. Galvão. *A moda do corpo e o corpo da moda*. São Paulo, Ed. Esfera, 2002.
- CASTILHO, K. 'Configurações de uma plástica: do corpo à moda'. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.
- _____. 'Do corpo presente à ausência do corpo: Moda e Marketing'. Tese de doutorado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- COELHO, M. M. L. 'Forte e bonito como o barão: ciência e propaganda no Brasil, início do século XX'. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo, Contexto, 2002.
- _____. *Histórias do cotidiano*. São Paulo, Contexto, 2001.
- DORFLES, G. *A moda da moda*. Trad. portuguesa de T. de C. Coelho. São Paulo, Martins Fontes, 1988..
- ECO, U., R. Sigurta, M. Livolsi, F. Alberoni, G. Dorfles & G. Lomazzi. *Psicologia do vestir*. 3ª ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1989.
- EDLER, F. C. A escola tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, 9 (maio-ago, 2002): 357-85.

ERNER, G. *Vítimas da moda? Como a criamos, por que a perseguimos*. São Paulo, Senac, 2005.

EVANS, C. O espetáculo encantado. *Fashion Theory A revista da moda, corpo e cultura*, 1 (2, jul. 2002): 31-70.

FAUSTO, B. org. *O Brasil republicano. Estrutura de poder e economia (1889 – 1930)*. São Paulo, DIFEL, 1975.

_____, org. *História geral da civilização brasileira - III O Brasil Republicano Estrutura de poder e economia*. São Paulo, DIFEL, 1975.

FAUX, D. S. *Beleza do século*. Trad. portuguesa de P. Neves. São Paulo, Cosac & Naify, 2000.

FERREIRA, A. A., *A nova imagem nacional e a inauguração do teatro nacional do Rio de Janeiro*; <http://www.revistaetcetera.com.br/16/municipal/index.html>, 16 set. 2005.

FERREIRA, L. O. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-43). *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, 2 (jul-out, 1999): 331-51.

FON FON!, V (1, 05 jan. 1912): 52.

FON FON!, V (3, 20 jan. 1912): 09, 26, 26, 40.

FON FON!, V (4, 27 jan. 1912): 14, 27, 32, 52.

FON FON!, V (9, 02 mar. 1912): capa, 49.

FON FON!, V (12, 23 mar. 1912): 05.

FON FON!, V (15, 13 abr. 1912): 09.

FON FON!, V (17, 27 abr. 1912): 14, 19.

FON FON!, V (22, 01 jun. 1912): capa, 16, 25, 44.

FON FON!, V (23, 08 jun. 1912): 54.

FON FON!, V (25, 22 jun. 1912): 19.

FON FON!, V (28, 13 jul. 1912): 17, 31.

FON FON!, V (29, 20 jun. 1912): 29.

FON FON!, V (30, 27 jul. 1912): capa, 23.

FON FON!, V (32, 10 ago. 1912): 41.

FON FON!, V (37, 14 set. 1912): 41.

FON FON!, V (41, 12 out. 1912): 11, 22, 44.

FON FON!, V (42, 19 out. 1912): 32.

FON FON!, V (43, 26 out. 1912): 34.

FON FON!, V (45, 09 nov. 1912): 56.

FON FON!, V (48, 30 nov. 1912): 09-10.

FON FON!, V (49, 07 dez.. 1912): 12.

FON FON!, VI (1, 04 jan. 1913): 09-10.

FON FON!, VI (2, 11 jan. 1913): 58.

FON FON!, VI (3, 18 jan. 1913): 44.

FON FON!, VI (4, 25 jan. 1913): 36.

FON FON!, VI (6, 08 fev. 1913): 26.

FON FON!, VI (8, 22 fev. 1913): capa.

FON FON!, VI (9, 01 mar. 1913): 39.

FON FON!, VI (12, 22 mar. 1913): 43.

FON FON!, VI (23, 07 jun. 1913): 16.

FON FON!, VI (25, 21 jun. 1913): 10, 34.

FON FON!, VI (28, 12 jul. 1913): 42.

FON FON!, VI (31, 02 ago. 1913): 28.

FON FON!, VI (32, 09 ago. 1913): 35.

FON FON!, VI (33, 16 ago. 1913): 56.

FON FON!, VI (35, 30 ago. 1913): 32.

FON FON!, VI (38, 20 set. 1913): 08.

FON FON!, VI (39, 27 set. 1913): 29.

FON FON!, *DVI* (2637, 15 ago. 1958): 19,51.

FONTANEL, B. *Sutiãs e espartilhos- uma história da sedução*. Rio de Janeiro, GTM Editores Ltda, 1998.

FREYRE, G. *Casa grande e Senzala*. 34^a ed. Rio de Janeiro, Record, 1998.

_____. *Modos de homem e modas de mulher*. 2^a ed. Rio de Janeiro, Record, 1987.

_____. *Os ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1948.

- _____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro. José Olympio, [s.d.]
- GONTIJO, S. *80 anos de moda no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1986.
- HOCHMAN, G. Logo ali, no final da avenida: Os sertões redefinidos pelo movimento sanitarista da Primeira República. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, V (julho, 1998): 217-35.
- JACOBINA R. R. & F. M. Carvalho. Nina Rodrigues, epidemiologista: estudo histórico de surtos de beribéri em um asilo para doentes mentais na Bahia, 1897-1904. *Historia, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VIII (1, março-junho 2001): 113-32.
- LANDES, D. S. *A riqueza e a pobreza das nações*. Trad. brasileira de A. Cabral. Rio de Janeiro, Campus, 1998.
- LAVIER, J. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Trad. brasileira de G. M. de Mello Carvalho. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- LIMA, N. T. & G. Hochman. Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país. *Ciência saúde coletiva*, 5 (2, 2000): 313-32.
- LIMA, N. T. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências e Saúde- Manguinhos*, 5 (suplemento, julho 1998): 163-93.
- _____. *Pouca saúde, muita saúva, os males do Brasil são... Discurso médico-sanitário e interpretação do país*; <http://www.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scielo/?lslsScript=iah/iah.xis&base=article^dlibrary&fmt=iso.p>

, 21 março 2005.

LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 1967.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Trad. brasileira de M. L. Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

LURIE, A. *A linguagem das roupas*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1997.

MACIEL, L. R. Medicalização da sociedade ou socialização da medicina? – Reflexões em torno de um conceito. *História, Ciências e Saúde- Manguinhos*, 8 (2, julho-ago. 2001): 464-8.

MAIO, M. C. Afrânio Peixoto: Notas sobre uma trajetória médica. *Revista da SBPC*, 11 (jan.-junho 1994): 75-81.

MAGUELLONE, T. S. *História técnica y moral del vestido*. Trad. espanhola de C. Gonzales. Paris, Alianza Editorial, 1990.

MARQUES, E. C. Da higiene à construção da cidade: o Estado e o saneamento no Rio de Janeiro. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, II (2, julho-out.1995): 51-67

MOUTINHO M. R. & M. T. Valença. *A moda no século XX*. Rio de Janeiro, Senac Nacional, 2000.

MUNICCHI, A. *Ladies in Furs 1900-1940*. Modena, Zanfi, 1992.

NAVA, P. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.

NEEDELL, J. D. *Belle Époque tropical – Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. portuguesa de C. Nogueira. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

O ESTADO DE SÃO PAULO, *Um século de cultura*. São Paulo, O Estado de São Paulo, [s.d.].

O'HARA, G. *The encyclopaedia of fashion*. Nova Iorque, Times Mirror Books, 1986.

OLIVEIRA, A. *A evolução da medicina até o início do século XX*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1981.

PAIVA, F. S. L. 'Pensamento médico e a educação física'. Dissertação de mestrado. Vitória do Espírito Santo, Faculdade de Educação da Universidade federal do Espírito Santo, 2000.

PEIXOTO, A. *Elementos de higiene*. Rio de Janeiro, Aillaud, 1913.

_____. *Esfinge*. Rio de Janeiro, Jackson, 1947.

_____. *Medicina legal*. 3 ed. Rio de Janeiro, Aillaud, 1918.

_____. *Missangas: poesia e folklore*. São Paulo, Companhia editora nacional, 1931.

_____. *Noções de higiene*. Rio de Janeiro, Aillaud, 1914.

_____. *Novos rumos da medicina legal*. Rio de Janeiro, Guanabara, [s.d.].

RACINET, A. *Enciclopédia histórica do traje*. Lisboa, Replicação, 1994.

- RAINHO, M. C. T. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2002.
- RIBEIRO, L. *Afrânio Peixoto*. Rio de Janeiro, Ed. Conde, 1950.
- ROSEN, G. *Uma história da saúde pública*. Trad. brasileira de M. F. S. Moreira. São Paulo/Rio de Janeiro, Hucitec/ Abrasco, 1994.
- SEELING, C. *Moda – O século dos estilistas, 1900 - 1999*. [Itália], Könemann, 2000.
- SIMÃO, M. C. F., M. F. S. Moreira & M. A. T. Porto, orgs. *A Higiene na Idade Clássica. Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Medicina*. [s.l.], 2001.
- SNOW, J. *Sobre a maneira de transmissão do cólera*. São Paulo/Rio de Janeiro, Hucitec/Abrasco, 1999.
- SOUZA, G. M. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo, Companhia das letras, 1987.
- STEFANO, W. 'Octavio Domingues e a eugenia no Brasil: uma perspectiva "mendeliana"'. Dissertação de mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- TEIXEIRA, L. A. Da raça à doença em Casa-grande e senzala. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, IV (julho-out. 1997): 231-43.
- THIELEN, E. V. & R. A. Santos. Belisario Penna: Notas fotobiográficas. *História, Ciências e Saúde - Manguinhos*, 9 (2, maio-ago. 2002) : 387-404.

VASCONCELOS, F. A. G., Fome, eugenia e constituição. *História, Ciências e Saúde- Manguinhos*, 8 (3, julho-ago. 2001): 315-39.

VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo: a hygiene do corpo desde a Idade Média*. Trad. portuguesa de I. St. Aubyn. Lisboa, Fragmentos, 1988.

YARWOOD, D. *Fashion in the Western World 1500 – 1990*. Nova Iorque, Drama Book Publishers, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE 01

Sobre a moda utilizada durante as festas de casamentos (Notas Mundanas)



Fon Fon!, Ano V, nr. 22, p.25, 26/01/1912

O vestuário utilizado para certas ocasiões, tais como festas de casamento ou saraus, estaria mais adequado ao clima brasileiro, visto que os decotes seriam aprofundados, as mulheres não utilizariam chapéus e os espartilhos teriam a função de condicionar-lhes o comportamento prendendo-lhes os movimentos.

APÊNDICE 02

Roupas para dia



Fon Fon!, Ano v, nr. 03, p. 22, 20/01/1912



Fon Fon!, ano V, nr. 03, p. 26, 20/01/1912



Fon Fon!, ano V, nr. 04, p. 32, 27/01/1912



Fon Fon!, ano V, nr. 22, p. 44, 01/06/1912

As roupas que são apresentadas constituem-se de vestidos com algumas camadas de tecidos, onde haveria a camisa e o espartilho abaixo destes, além das golas altas. A roupa para o dia seria mais comportada e fechada em detrimento da veste para eventos noturnos.

APÊNDICE 03

Sobre as caricaturas da época



Fon Fon!, ano V, nr. 4, p. 14, 27/01/1912

Além de alvo das críticas tecidas pelos higienistas, a moda seria também motivo de caricaturas e questionamentos pela opinião pública masculina.

APÊNDICE 04

Sobre as artistas da época



Fon Fon!, ano V, nr. 29, p. 29, 20/07/1912

Notas the

Caramba! que r
Scognamiglio-Caram
Que homogêneo co
que vestuários!
Ha muito tempo
diz o meu austero
se delicia com uma
quantia de sete mil
Costumamos pag
cada estopada!
Tout-Rio elegante
se reunido *au gran*
para gozar o encan
e operetas excellen
tadas com um luxu
E enquanto as
siam-se diante da
das maravilhosas t
as idades binocu
Janka Chapińska,
nas pernas um fo
Que olhos e que
A *troupe* tem na
quatro tenores, u
micos, uma *carac*
gente e numeroso
rinas.
Qual é o artist
rico? Não o sei
taram-lhe o apre
merecidos.
O que posso p
troupe de operet
janeiro tanta ge
midade dos ma
E' assim mesm

A linda e applaudida *prima-dona* Giulia Bassi.

Fon-Fon que nunca se julga suf-

Fon Fon!, ano V, nr. 41, p.22, 12/10/1912

As atrizes da época seriam mulheres que estariam em maior evidência frente à sociedade brasileira e constituiriam fontes de referências para as consumidoras de moda.

APÊNDICE 05

Sobre chapéus



Fon Fon!, ano V, nr. 12, p. 05, 03/02/1912

Os chapéus de copa alta estariam no ápice da moda e deveriam ser usados durante o dia para passeios.

APÊNDICE 06

Sobre os anúncios



Fon Fon!, ano V, nr. 14, p. 14, 30/03/1912

Modelos de finas e elegantes **BLUSAS** d' **A' BRAZILEIRA**

Primorosa escolha de blusas de seda changeante a **25\$000**

Para a presente estação **A' BRAZILEIRA** tem o que se pode de-sejar de mais chic em blusas de seda ou de rendas finas.

ENORME VARIEDADE DE MODELOS

Sorpreendente redução de preços.

N.º 4327 — BLUSA em tulle bordado guarnecida d'uma grande golla genero Venezia com motivos em relevo. Forrada de seda. **40\$000**

N.º 4691 — BLUSA em tulle de tulle bordado guarnecida d'uma golla real em renda genero Veneza. Forrada de seda. **37\$000**

Distribue « catalogos d'inverno » a quem mandar endereço

LARGO S. FRANCISCO DE PAUL

Fon Fon!, ano V, nr. 22, p. 16, 01/06/1912



Fon Fon!, ano V, nr.12, p. 43, 22/03/1913





Fon Fon!, ano V, nr. 23, p. 54, 08/06/1912

As campanhas mostrariam roupas para a sociedade brasileira com informações sobre as utilizadas na Europa, principalmente França, fato que pode ser observado pelos termos Mademoiselle e Madame, além dos tecidos serem descritos a partir de termos franceses.